

ESPELHO DALMA

DIVALDO P. FRANCO

Ditado pelo Espírito Ignótu

A mitologia grega tem, em Narciso, um dos exemplos fascinantes da Humanidade.

Vaidoso da própria beleza e indiferente às paixões que inspirava recebeu, de Nêmesis, o castigo de enamorar-se de si mesmo, ao contemplar a própria imagem refletida nas águas tranquilas de um lago-espelho, vindo a definhar e morrer, posteriormente...

Oscar Wilde, na sua genial peça, o retrato de Dorian Gray, deu-nos a perfeita visão das conseqüências da insânia moral que a personagem imprime na tela pintada, exteriorizando as feridas do sentimento, enquanto a juventude da forma, que permanecia, fazia-o invejado, todavia, infeliz...

Stevenson, no seu trágico “Estranho caso do Dr. Jekyll e de Mr. Hyde”, terminou por deixar a mensagem pessimista em que o mal vitalizado vence o bem descuidado...

A vida é o espelho que reflete, hoje ou amanhã, os dramas e as glórias da alma humana.

Todas as expressões do intelecto como do sentimento nele surgem e se patenteiam como realidade feliz ou desditosa.

O cristão, no entanto, tem, no Evangelho, o espelho cristalino da alma, que lhe reflete os atos de paz e a sementeira de amor.

Cada um, por isso mesmo, é o construtor da sua própria vida, na viagem carnal.

Espelho dalma!

Reunimos, neste livro, inúmeras histórias reais que retiramos do cotidiano de diversos trabalhadores espíritas encarnados e desencarnados, de ontem e de hoje, nos quais focalizamos lições proveitosas para todos nós, representando os resultados dos comportamentos que mantiveram, conforme as situações defrontadas.

Não aditamos novidades, nem pretendemos oferecer contributo novo ou especial ao material doutrinário já existente.

Estas páginas constituem a modesta colaboração com que esperamos despertar alguma consciência entorpecida pela indiferença, de certo modo, auxiliando na obra de edificação de um mundo melhor para o futuro.

Damo-nos por compensado, se logramos a meta a que nos propomos: conseguir que alguém participe do labor renovação da Terra, após a leitura deste modesto trabalho.

JESUS E O OBSERVADOR

Quem o visse cercado pela multidão, em cuja fase estavam as marcas iniludíveis do desconforto, das aflições e das ansiedades, talvez ficasse à distância, sem ter a menor idéia do que ele pudesse fazer àquelas gentes. Quem o visse exprobrando a conduta reprochável dos maus sacerdotes infelizes governantes, certamente recearia, afastando-se do círculo em que Ele estava.

Quem o acompanhasse pelas longas viagens, sempre cercado pelas dores do povo, sem agasalhos nem alforjes, sob a canícula ou as chuvas, suporia estar ao lado de um visionário, um sonhador.

Quem se detivesse no exame das Suas palavras renovadoras, em dias de rapina e crueldade, entoando Salmos de amor e esperança, evitaria a participação no grupo que Ele compunha, receando conseqüências.

Quem penetrasse no círculo mais íntimo dos que O seguiriam, dominados pelo magnetismo dEle, suporia estar entre fanáticos que pretendesse lutar contra tudo, afervorados pela implantação de um Reino impossível.

Quem, todavia resolvesse mergulhar na Sua Aura, reflexionando demoradamente os conceitos que Ele emitia, sentindo as angústias das multidões que Ele saciava com o verbo divino, seguindo-O pelas trilhas da compaixão e da misericórdia, vivendo as esperanças que Ele acenava em relação aos dias do futuro e se facultasse senti-Lo no ímo do coração, amá-Lo ia por certo, entregasse totalmente ao mistério da fraternidade até a imolação, como parte essencial da Era Nova que Ele iniciava, mas que somente se concretizaria nos confins dos tempos futuros.

Jesus não é uma mensagem de uma época, um tempo uma Civilização. É o pão de sustento do século, a água refrescante das eras e a esperança modelar de todos os povos. Segurança do mundo moderno, é o Luzeiro em cuja claridade solar todas as trevas se dissipam, a aquecer por todo o sempre sofrido coração do espírito humano desejoso de felicidade, de plenitude da paz.

REPARTIR PARA SER FELIZ

Concluída a conferência que versara sobre a felicidade, o cavalheiro distinto acercou-se do palestrante e sem mais delongas, interrogou:

- O senhor crê, realmente, no que acaba de dizer?
- Sim. Integralmente.
- Concebe, possível, a felicidade?
- É claro que sim.

-Pois eu não acredito nela. Imagine que eu possuo haveres de alta monta, depósitos e títulos bancários expressivos, fábricas e bens, no entanto, o câncer, que me devora por dentro, apagou-me a luz da felicidade que eu supunha possuir. Fez uma pausa e prosseguiu:

Extraí o estômago, e apesar de possuir tudo o que o dinheiro pode comprar, perdi a saúde, marchando inexoravelmente para a morte.

Morrer – retrucou o pregador espírita – é ocorrência natural de todos que estamos no corpo avançamo-nos para desencarnação, que nos alcançará, sem execução. Imprescindível encarar a morte como fenômeno da vida, tendo em mente, porém, que a vida, começa, realmente após a morte... O elegante cidadão sorriu, depois gargalhou.

O senhor acredita nisso? – Inquiriu, zombeteiro.

E evidente.

Vejamos: Em minhas indústrias ergui uma cooperativa para servir aos meus empregados, uma creche para os filhos dos meus empregados, um restaurante para os meus empregados, uma escola para os filhos dos meus empregados... Sendo um homem generoso, por que sofro?

O senhor deseja uma resposta sincera ou prefere que eu concorde conforme está acostumado?

- É claro que desejo a verdade!

- Sem dúvida, o senhor é um excelente investidor, ambicioso, porquanto a sua cooperativa, não obstante servindo aos seus operários, dar-lhe lucro, mínimo que seja; a creche, que atende aos filhos dos seus trabalhadores, é um investimento, desde que o servidor, que tem filhos menores resguardados, produz mais e o senhor ganha mais; o operário que se alimenta bem realiza mais e o senhor tem maior soma de lucro; o pai, cujos filhos estão em educandário, em calma atua mais e os resultados são a sua prosperidade...

Como, então, eu poderia ser bom?

Para ser-lhe franco, bom, no sentido integral, não lhe será possível lograr, conforme Jesus acentou num diálogo mantido com o jovem rico, que o chamará bom. “A ninguém chameis bom, senão ao Pai Celestial”. Disse-lhe o Senhor.

“A fim de conseguir ser generoso e justo, parece-me que a melhor maneira seria repartir a fortuna que tem, com os operários e trabalhadores, tornando-os sócios de seu patrimônio...”

- Está louco?! Isso seria...

- Seria generosidade. Temos o que dividimos e possuímos o bem que realizamos. De qualquer forma o senhor terá que deixar tudo, hoje ou amanhã, para este ou aquele, porquanto os bens materiais transitam, mudam de mão...

- E a minha saúde?

- Quiçá não retorne, mas a felicidade enriquecê-lo-á com certeza.

O cavalheiro resmungou, cismou, sorriu, pediu licença e saiu meneando a cabeça, decepcionado. Dois anos depois, no mesmo recinto, após a conferência, no momento das saudações fraternas, o homem rico aproximou-se do orador e o interrogou:

- Recorda-se de mim? Após alguma reflexão, repostou o opositor:

- Sim, recordo-me. Conversamos aqui mesmo, há algum tempo...

Gostaria de convidá-lo a visitar uma das minhas fábricas.

-Rogo-lhe escusas, todavia, não posso. Compromissos doutrinários...

- Eu insisto...

- Não posso!

- Por favor!

- Examinaremos uma possibilidade. Posteriormente, um dia e hora determinadas, em automóvel de luxo foram visitar a fábrica. Ao portão de entrada uma comissão de senhoras obsequiou o convidado com um ramalhete de rosas. Na sala da gerência, após abrir a persiana de ampla janela, referiu-se o milionário: “ali estão minha creche, meu restaurante, minha cooperativa, minha escola, o novo hospital que acabo de edificar...” Depois de breve pausa: “Atendi seu conselho. No fim do ano atrasado reparti expressiva soma das minhas ações e os lucros eu reverti em interesse dos meus empregados. Agora todos são meus sócios. Na sala referta pelos chefes de departamentos, funcionários, alguns operários, os sorrisos eram gerais.

- Fiz bem?

- Claro que sim. Apenas uma retificação: O conselho não me pertence e sim ao Cristo.

- Está bem. Diga-me lá: sou um homem generoso?

- Deseja que eu lhe responda com a verdade ou que concorde?? Sorrindo, redarguiu: “com a verdade”.

- Bem, o senhor continua excelente investidor, desde que, após o triunfo na Terra, agora investe no futuro espiritual, aliás, realizando a sua melhor proeza. Havia alegria espontânea em todos. Saíram. Anoitecia. Uma criança aproximou-se e entregou ao senhor da indústria modesta flor do campo. Ele se comoveu. “Sou hoje um homem feliz. No meu egoísmo de antes nunca permitira que qualquer criança se acercasse de mim. Não tenho filhos; não fruí essa honra... Após a decisão de repartir as ações com meus operários, certo dia saí da fábrica, quando uma criança como esta se acercou de mim e disse-me:

- Deixe-me abraçá-lo titio. Quis recusar. Era filha de alguém dos meus serventes. Algo fazia-me fugir, então, de todas as crianças. Sem o saber ela prosseguiu:

- Lá em casa antigamente mamãe falava muito de você, agora não... Ela disse que hoje é o dia do seu aniversário e todos, pela manhã oramos pelo senhor. Fiquei petrificado. A criança atirou-se às minhas pernas e abraçou-as. Abaixei-me. Beijou-me. Renasci. Chorei como há muito não me ocorria.

Encontrei a felicidade desde então. Comecei a estudar o espiritismo. Melhorei intimamente, a saúde está quase equilibrada. Tenho paz. “Não poderia deixar, portanto, de dizer-lhe: muito obrigado!” No zimbório da noite coruscavam estrelas.

- Oremos a Jesus meu amigo, a ele agradecendo a felicidade de O conhecer e O amar.

VINTE ANOS DEPOIS...

O local não era dos mais apropriados. Salão de bailes acolhia habitualmente homens e mulheres sedentos de fruir sensações mais fortes. Aquela, porém, era uma noite especial. A freqüência denotava outro tipo de necessidade. Era uma festa, todavia, espiritual. Ela o percebera à entrada. O movimento diversificava do habitual. Em tribuna improvisada, junto a ampla mesa, na qual se encontravam personalidades do lugar, assomou um moço, que explanou, por mais de uma hora, conceitos e lições que não estava acostumada. Sentiu-se atônita. Buscava o prazer abrasador e sentia-se atendida por aragens refazentes. Não compreendera tudo, e, todavia, percebia-se invadida por desconhecida alegria... Seguir a fila de pessoas que se congratulavam com o jovem. Entregou-se automaticamente. No curto momento, no diálogo ligeiro, desnudou-se, emocionada.

- Sou vendedora de ilusões – falou sem retoques, - Ouvindo a história da companheira de equívocos, tema central desta noite, sinto uma revelação diferente... Gostaria de conversar com o senhor, rogo-lhe ajuda, orientação...

- Conte com os nossos poucos recursos.

- Quando poderemos fazê-lo?

- Hoje... Logo mais, porquanto amanhã já não me encontrarei aqui.

- A esta hora?

- Por que não?

- Onde?

- Na residência em que me hospedo.

- Não serei recebida ali... Todos sabem quem sou...

- Se ali não houver lugar para você, positivamente, também, não haverá pra mim.

- Mas, eu sou...

- ... Uma irmã em busca da paz...

A conversa alongou-se, passando aquele momento, até a Alva, no lar fraterno que os recebeu. Concluída a entrevista, o evangelizador, orando, rogou ajuda para ela. Vinte anos depois, em outro Salão, agora, num Educandário na mesma cidade, o expositor espírita encerrava outra conferência.

- O senhor não se recordará de mim!

- Realmente.

- Eu sou a “vendedora de ilusões”, que há vinte anos atrás o escutou nesta cidade... “Encontrei Jesus naquela noite”... E após reflexionar:
- No dia imediato abandonei o local em que me hospedava e transferi residência para uma rua modesta, dando novo rumo à existência.
- Louvado seja Deus!
- Não é tudo. Antigo Companheiro informado da minha renovação buscou-me. Asseverou-se amar-me. Visitou-me com nobreza reiteradas vezes. Propôs-me matrimônio...
- Não lhe exijo amor – expôs -, rogo-lhe respeito e consideração. Amar-me-á depois. Enxugou a face lavada pelo pranto.
- Consorciamo-nos – prosseguiu. – Face a impossibilidade de tornar-se mãe, resolvemos adotar uma criança cada dois anos, qual fosse nosso próprio filho. Já temos oito criaturas admiráveis em nosso lar... Venho agradecer-lhe a luz que acendeu no velador da minha alma.
- Agradeçamos ambos a Deus. Apresentou o esposo e os dois “filhos” mais velhos entre sorrisos e partiu. Orando em lágrimas, naquela noite o expositor, reconheceu ao Pai, o primeiro encontro há vinte anos atrás...

LIÇÃO ESPÍRITA

Internara a filhinha num Lar de crianças sem pais. Vendendo ilusões, fora antes vendida a um bordel, quando ludibriada nos sentimentos de menina moça. Comprometera-se não visitar a filha, a fim de fazê-la ignorar a origem. Desejava-a feliz, fosse educada, que lhe desse uma profissão digna e despediu-se emocionada, de alma amarfanhada.

Quatro anos depois, sucumbindo ao peso de cruel enfermidade, buscou rever a filha. Apresentou-se como lhe fora tia. A pequena, porém, chamou-a “mamãe”. Sem ocultar as lágrimas, reiterou-se a condição de tia, cuja irmã desencarnara em situação dolorosa... Sentia-se desencarnar e informara ao diligente benfeitor da filha que eram poucos os seus dias na Terra. Suplicou desvelado carinho para a menina. Recusou-se receber qualquer assistência e partiu... Um ano após, voltou, renovada.

- Gostaria que o senhor me ouvisse – solicitou. E narrou que a enfermidade psíquica de uma amiga de infortúnio levava –as a um Centro Espírita, que funcionava no bairro de angústias, onde viviam. Encontrara ali amparo, assistência moral, orientação. A pesado sacrifício, começou a freqüentar a casa. À medida que recobrava a saúde, oportunamente, deparou-se naquele recinto com o homem que a infelicitara. Dominada pelo ódio, que lhe irrompeu intempestivo, acusou-o diante de todos, apontando como o destruidor de sua vida...

- É verdade! – Retrucava o acusado – naquele tempo, eu era igualmente um enfermo... do espírito. E rogou-lhe perdão. Ela se comoveu. Afinal, sob o

ódio havia o amor magoado. Tornaram-se amigos. Há pouco tempo ele lhe prometera matrimônio. Dissera que a amava. Aceitara-o. ???ele retirou-se do “comércio carnal” em que vivia e alugara um apartamento onde a hospedou com dignidade. Respeitavam-se. Casaram-se logo depois.

- Seria possível, agora, conduzir a filha para o lar?
- Indagou, ansiosa.
- Sem dúvida – concordou o amigo. prometeu, então, retornar depois, em companhia do esposo.

Ao fim da semana, Jovial, fazia-se acompanhar do cônjuge. Comprovaram a situação nova: Moral e legal. Quando a filhinha foi abraçá-la e o dirigente do Lar, que se tratava da sua genitora, respondeu a menina:

- ??Eu sabia! Orava a Jesus para que Ele me trouxesse minha mãe de volta.

Reabilitados, agora abrem as mãos da caridade aos que padecem, laborando no santuário onde receberam a meditação espírita para a paz.

A lição espírita promove o homem e reabilita-o. Só é legítima a crença que soergue e enobrece o crente. O Espiritualismo, por tal razão, é o consolador, pois que, enxugando as lágrimas, liberta o que chora, levantando-o e dignificando-o, a fim de que não volte à fumaça do desespero onde se evadiu.

PROBLEMATICIDADE OBSESSIVA

A pugna se arrastava por mais de um decênio.

A portadora da alienação espiritual transitara por diversas Casas Espíritas. Submetera-se à terapêutica do passe, da água fluidificada; asseverava orar, estudar a Doutrina, participava dos labores mediúnicos... O problema, não obstante, continuava.

Esclarecia viver assaltada por estranhas afeições, suportando com estoicismo astenia, desequilíbrio nervoso, palpitações. Não raro se encontrava em crises, quais os extrasístoles que atestavam graves distúrbios circulatórios.

Era um sofrimento de longo porte.

Numa das reuniões especializadas, diante do verdugo desencarnado, responsável pela parasitose psíquica, após diálogo comovedor, como sucedera reiteradas vezes antes, o diretor dos trabalhos arrematou com humildade:

- Reconheço a minha ineficácia com você. Tentei os melhores argumentos de que me senti capaz; meditei com profundidade procurando encontrar em você um ponto vulnerável, sem qualquer êxito... Impossibilitado de lograr resultados, entrego-o a Jesus, a Ele suplicando tomar conta de você... “é pena que você deseje deter nas mãos a justiça que lhe não cabe executar. Não compreendo porque o irmão a perturba, há tanto e se compraz nesse ciúme...”

- Há um engano em tudo isto – redargüiu o desencarnado – pois hoje, graças à sua honestidade para comigo e para consigo própria, desejo esclarecer em definitivo.

“A princípio odiei-a, sim. Há razões que não convém aqui reexaminar... Lentamente, porém, ouvindo as narrações que se fazem nesta Sociedade, as respostas que colhi nos violentos diálogos que travei, mudei de opinião. Percebi que, perseguindo, não me desforçava, por sofrer, também... “Mudei intimamente, procurei reformar-me, comprometi-me deixá-la por conta da vida... Não logrei objetivo. Ela não me libertou. Detestando-me, evoca-me, prende-me nas teias do seu pensamento revoltado, culpa-me, injuria-me. Ela, sim, que hoje não me libera... Peça-lhe, por Deus, para deixar-me em paz. Não mais sou seu obsessor. Agora sou por ela obsidiado...” Calando-se, o espírito comunicante desprende-se do médium, cessando o transe.

Havia no ar, nos assistentes, expectativa e estupor. À hora reservada aos comentários críticos dos labores da noite, o diretor narrou à enferma a ocorrência e interrogou-a, quanto à veracidade ou não das informações recebidas.

Para surpresa geral, a paciente, submissa e humilde, desvelou-se, passando a agredir verbalmente o opositor desencarnado, revelando a animosidade que mantinha em relação ao sofrimento e como desejava, a seu turno, desfocar-se do que afirmava serem os males que ele lhe infringira nos demorados anos de luta...

Guardando a calma e a bondade, porém, o intérprete do Evangelho passou à doutrinação da encarnada, mais convicto de que, na problemática das obsessões, o incurso mais gravemente na dívida é sempre a aparente vítima que transita pelo corpo físico, em reajuste.

Nenhuma técnica de desobsessão surte efeito naquele paciente que não se renova nem se aprimora internamente.

Dor é sempre bênção que ninguém deve desconsiderar.

Obsessores e obsidiados são membros da mesma injunção dolorosa, recuperando-se perante a vida.

Ajudar uns e outros é compromisso de todos nós, igualmente necessitados de ajuda e esclarecimento.

QUESTÃO DE PROVA

- Senhor – disse o fátuo negador -, dê-me uma prova da imortalidade da alma.

O conferencista, paciente, fez um levantamento histórico do processo antropológico do homem, dos fatos e das experiências probantes da indestrutibilidade do Espírito.

A palavra erudita apresentava larga documentação científica de ontem como de hoje, quando o apressado descrente o interrompeu, informando, irônico:

- Não creio em nada disso.
 - É um direito que lhe assiste – aludiu o outro – desculpe-me, porém, indagar-lhe: O senhor crê na imortalidade da alma?
 - Não!
 - Então, por favor, dê-me uma prova de que a alma não é imortal.
 - Não posso!
 - Se não o senhor não me pode provar que o espírito NÃO é imortal, deduzo que não faz, porque ele o É. Verdade? Então não lhe necessito provar a imortalidade, já que o senhor não me pode documentar o contrário. E calaram-se.
- É muito cômodo arremeter com duas simples palavras, contra um fato, dizendo, apenas: “Não creio”.
Difícil é documentar a negação.

INSUCESSO APARENTE

A viagem aérea transcorria tranqüila.

Os dois passageiros iniciaram a conversação sem maior profundidade.

- As viagens aéreas fazem-me mal -. Elucidou um -. Sinto-me nervoso, muito tenso.
- Não lhe dê maior importância. Isto ocorre, certamente, porque você vive inquieto.
- Sem dúvida. Agora mesmo estou vivendo momentos cruciais...
- Não só agora. Sua vida tem sido áspera. Suas conquistas se dão após imenso esforço e você vem atingindo as metas apenas de sacrifício...
- Como sabe? Em verdade penso insistentemente em suicidar-me. Sou um engenheiro químico fracassado. Perdi o meu primeiro emprego e não consigo outro. Retorno à casa com mais um insucesso... A idéia de autodestruição me atormenta e é-me a única saída. Tenho esposa e um filinho...
- E crê que solucionará o seu caso? Não será uma crueldade deixá-los à mercê de si mesmos, eles que contam com você? Além disso, não se engane: A morte abre as portas da vida e você continuará a viver, certo que em condição pior...

O estranho falou-lhe, infundiu-lhe ânimo.

- Como o senhor pode ter tanta paz e conhecimento da pessoa humana?
 - Sou espírita militante e compreendo que a felicidade depende de como cada criatura se comporta em relação à vida.
- Detalhou-lhe as bases da crença, as experiências, os estudos espiritistas.
- Que deverei fazer, a fim de livrar-me destes problemas?

- Primeiro, recorde-se de que os insucessos externos são sempre aparentes e graves aqueles de natureza interior, as atitudes que mantemos contra o próximo e nós mesmos: vícios, erros, compromissos morais negativos. Depois, tome contato com a Doutrina Espírita. Formule um programa de renovação interior e viva-o.
- Por exemplo?
- Estabeleça: eu sou forte em Jesus e n'Ele tudo posso.
Hoje faz sol eu sempre tenho sol em mim.
Quem aceita o desânimo já se encontra a caminho do fracasso.
O otimismo deve ser-me uma atitude interior.
Confio no bem, porque o bem é sempre bom.
Por enquanto estou colhendo. Não cessarei de semear. Assim fazendo recolherei bênçãos mais tarde.
Não temerei nada. O receio em coisa alguma ajuda.
Sou um homem de valor. Assim lograrei minhas metas.
O insucesso é experiência, lição que ensina o que não deverei fazer.
Em qualquer circunstância distribuirei alegria e esperança.
Como vê são pequenas regras, cheias de simplicidade e estímulo. Aplique-as na vida diária. Não espere o êxito agora ou amanhã, porém mais tarde.
- Como agradecer-lhe? Estamos chegando. O senhor colocou vida e sol em minha existência. Bendigo a Deus esta viagem.
- Certamente. Ante este êxito você constata que o seu aparente insucesso enseja-lhe experiência nova. Felicidades!
Você possui algo com que pode ajudar.
Não se escuse fazê-lo.
Ao seu lado, desconhecido, há alguém necessitando de sua cooperação. Tente doá-la.

COISA MAIS IMPORTANTE

A prisão feminina recebia o orador espírita por primeira vez.
As mulheres condenadas a períodos diversos e nunca inferiores a seis anos encontravam-se desagradadas, face ao impositivo compulsório de estarem presentes a palestras.
Rostos contraídos, lábios em rictus, enfado ...
O orador foi apresentado pela Diretora em considerações breves.
Concedida a palavra, ele propôs uma pequena “estória com interferência”, a fim de motivar as assistentes.
Logrou o intento.
Modificou-se o ambiente.
O tema era a felicidade.

Argumentos leves e significativos, assuntos do dia-a-dia chamados para dar melhor ênfase ao tema, quando, perguntou:

- “Qual a coisa mais importante na vida?”

A indagação tomou as espectadoras de surpresa. Silêncio geral.

Uma voz acanhada respondeu do fundo da sala:

- “O amor”.

Outra disse: - “A liberdade”.

Alguém afirmou: - “O dinheiro”.

Outrem postulou: - “A saúde”.

as opiniões multiplicarem e ele as ouviu sem comentar.

Quando se fez novo silêncio, ele considerou:

- “Para mim a coisa mais importante na vida é a paz de espírito”.

“O amor vem e vai, quando não se tem paz”.

“Se a liberdade fosse importante, ninguém estaria aqui, pois que tudo faria a fim de não a perder. ?Aliás, a verdadeira liberdade é interior. Pode-se estar no cárcere, sendo inocente, permanecendo-se livre e estar-se na rua preso aos vícios e paixões...”

“O dinheiro compra muita coisa menos a paz. A saúde pode ser perdida pela nossa negligência e aí estão os exemplos dos que derrapam nos excessos, nas dissipações e a malbaratam...”

Uma grande expectativa pairava no ar.

Depois de um momento de reflexão, ele prosseguiu:

- a verdadeira paz da felicidade, porque decorre de uma conduta reta – sem erros a ressarcir -, de um coração pacífico – sem mágoas nem paixões -, de uma consciência tranqüila – que é o resultado das outras aquisições.

“Jesus nos ensinou a usar as coisas, as posses, sem depender delas; a viver o amor sem o corromper; a resguardar a saúde, a fim de preservá-la... A paz, porém, Ele nos deu, afirmando ser uma paz que o mundo não podia dar – essa que amolenta e degrada o homem -, mas só Ele poderia conceder – a que resultar do sacrifício da abnegação e da dedicação ao bem do próximo – então, enobrecedora, permanente - . Essa paz proporciona a felicidade”.

Alongou os argumentos, propôs considerações, enquanto uma paz de felicidade espiritual impregnava o ambiente de os corações, face à música sublime dos comentários espíritas.

Não se afadigue pela posse das coisas. Quase sempre quem possui fica possuído pelas coisas que o atormentam.

Seja livre de amarras terrenas inundando-se da paz que o Cristo oferece aos que O servem e você desfrutará do mais importante bem da vida.

CONSÓRCIO MATRIMONIAL

Eurípedes BArzanulfo, o abençoado Missionário sacramentando, nas inesquecíveis aulas que ministrava no Colégio “Allan Kardec”, tinha por hábito conclamar os jovens discípulos a que levassem em alta consideração o compromisso matrimonial e se fizessem pais de muitos filhos. Sempre que se fazia propício o ensejo, o iluminado Apóstolo tornava à valiosa conclamação.

Certo dia, um aluno mais arrojado, após escutar o conselho formoso, solicitando desculpas, inquiriu o mestre:

- “Seu” Eurípedes, o senhor que tanto nos aconselha ao matrimônio, por que não se casou?

Ouve um grande silêncio na classe.

Eurípedes fitou o adolescente, demoradamente. Com os olhos nublados e a voz embargada, respondeu de maneira inesquecível:

- Eu já sou casado, meu filho. Renunciei às satisfações pessoais, a fim de associar-me com a Humanidade sofredora de todo lugar...

Se amas, encontrarás em toda parte “os filhos do Calvário” esperando por ti. Tomá-los-ás, então, como irmãos, amigos, nubentes e filhos carentes do teu carinho e do teu auxílio.

Não titubeies, na decisão, ante eles e doa-te sem qualquer receio.

ENSINOS E AÇÕES

Era pedagogo afamado.

Métodos educativos, técnicas de comunicação e processos de fixação da aprendizagem eram por ele conhecidos e divulgados com ardor.

Recepcionado em elegante residência, onde deveria apresentar as modernas técnicas da dinâmica do ensino, a cada instante se fazia interromper pela irrequieta garota da família, buliçosa menina de 7 anos.

Repreendida pelos pais, logo retornava à carga.

Inoportuna, tanto perturbou que o gentil educador não sopitanto o azedume, falou-lhe sem fingimento:

- Vá pra lá, meu bem!

A menina parou e retrucou para surpresa geral:

- Puxa! Todo mundo me manda embora!... E são professores!...

Métodos teóricos, opiniões relevantes valem a aplicação que merecem, dando os frutos do seu valor intrínseco. Sem isso podem ser brilhantes, teorias brilhantes, nada mais.

Na conduta religiosa, também é assim. A fé transparece nos atos dos que a apregoam.

Examina-te.

DIREÇÃO ESPÍRITA

A dama era espírita praticante. Enviuvara havia pouco. Ainda se encontrava sob o trauma da desencarnação do esposo e refletia sobre muitos sofrimentos experimentados nos dias da vida conjugal...

Visitando os filhos reunidos na residência do primogênito, todos eles casados, foi surpreendida, com inusitada proposta. Os filhos resolveram oferecer uma pensão à senhora que residira nos últimos anos com seu extinto marido e que fora razão dos seus padecimentos, ainda vivos, na memória...

Colhida pela surpresa, não se conteve e externou toda a amargura, afiançando:

Vocês somente possuíam pai, que, aliás, a todos nos abandonou em situação dolorosa... E como se não bastassem as minhas aflições pretendem premiar aquela que me proporcionou tanta infelicidade! Não contem, porém, comigo, doravante...

E saiu atordoadas.

O primogênito desejou acompanhá-la sem lograr êxito.

Duas horas depois a dama retornou. Estava calma, o semblante harmonizado.

- Fui ao Centro Espírita e ouvi excelente lição de “O Evangelho Segundo o Espiritismo”, intitulada “Orgulho e humildade”. Mudei de idéia. Venho dizer-lhes que também eu contribuirei mensalmente para ajudar aquela que o meu marido preferiu nos últimos dias da sua jornada terrena...

A nora mais velha, ante tal atitude, disse ao esposo:

- “Leve-me, por favor, a esse lugar, onde é possível modificar alguém de tal forma e edificar a paz num ser, oferecendo-lhe direção com essa expressiva segurança.”

Narrava-se esse fato, num Chá beneficente, quando um moço se ergueu, solicitando licença. A dona da casa inquiriu-lhe surpresa:

- Você não ficara de levar-me ao Hospital com os doces reservados àquela Casa?

- Sim, sim, - disse - Eu logo voltarei.

Tão pronto saiu, a esposa, que o acompanhara à porta, narrou às demais senhoras:

Ao ouvir esse fato comovente, - falou-me – ele foi fazer as pazes com a mãe, de quem estava inimizado há dois anos, por questões de herança.

A direção espírita é tranquilizadora e nobre. Segue-a a favor da própria felicidade.

VOCÊ ESTÁ SORRINDO

A feira livre estava movimentada, na praça pública. Agitação, burburinho.

Repentinamente, uma senhora em trajes modestos exclama, lívida pelo susto:

- Deus, meu! Fui roubada. A carteira de dinheiro, a carteira com o dinheiro da feira?!...

Algumas pessoas se acercaram, escutam-na em narrativa sucinta, meneiam a cabeça, fingem auxiliá-la olhando em redor, e saem murmurando:

- Essa molecada, essa molecada! Ninguém toma providência!...

Acerca-se um petiz de pouco menos de dez anos. É um moleque de rua. Olha aqui, examina ali, avança, recua...

A senhora, muito atormentada, chorosa, desconfiada, fita o menino com enfado, desagradada e supõe-no ladrão.

O garoto curvas-se sobre o solo e grita:

- Achei! Achei! Aqui está, senhora!...

- Graças a Deus, filho! O dinheiro é da patroa. Queria gratificá-lo.

- Não, não precisa. A senhora já me gratificou: está sorrindo!...

Após o tormento sorria, agradecendo ao Senhor. Permita-se inundar pelo sol da alegria, mesmo quando as coisas não lhe pareçam melhores. Há sempre alguém, ao nosso lado, ajudando-nos, esperando por nós.

INVESTIMENTO DE VIDA

A viuvez surpreendeu-a com a canga da soledade e o fardo da desesperação. Dominada pela angústia e o “vazio da vida”, foi convidada a ouvir dedicado conferencista espírita que pregava a Doutrina da Esperança na cidade onde vivia.

Após registrar os confeitos ponderáveis e conseguir descortinar as paisagens da Vida Imortal, através do verbo ardente e formoso do expositor, solicitou e conseguiu, ainda emocionada, uma entrevista com o Mensageiro do Evangelho.

Não necessitou dizer nada. O arauto da Boa Nova descreveu-lhe o esposo desencarnado e transmitiu-lhe confortadora mensagem de renovação e vida. Um ano depois, superando as dores, convidou o trabalhador do Cristo a participar de delicada homenagem ao companheiro amado, no dia evocativo do seu natalício na Terra...

Oferecera recursos para a construção de um lar para pequeninos sem pais, em benemérita Organização de fraternal amparo, em expressiva Aldeia Infantil.

- Foi o melhor investimento que jamais fizemos – veio dizer-lhe o esposo redivivo pelo médium abnegado.

E ante a comoção dos circunstantes, concluiu, reconhecido:

Não logramos viajar juntos à Europa, como desejáramos e reuníramos recursos. Embora a desencarnação me haja convidado ao retorno inesperado, aguardo a tua volta para novas bodas nesta Esfera Nova de paz onde ora vivo. Fizeste bem, pois aplicaste com sabedoria o que a ilusão poderia perder e te sou imensamente grato.

Embora sofrendo, reflete como investia na jornada carnal. Transações há que levam ao desespero e outras que dão vida.

Na encruzilhada do sofrimento com amargura, pensa em termos de Vida Imortal e opera nos bancos da ação vitalícia para o teu próprio bem incorruptível.

ATITUDE ESPÍRITA

Amavam-se com ternura e anelavam consorciar-se. Debatiam as linhas gerais do matrimônio quando a questão religiosa mais uma vez veio à baila.

- Gostaria de casar-me com solenidade na Igreja Católica – informou a noiva.

- Não concordo – esclareceu o rapaz.- Você sabe que sou espírita convicto e que milito na tribuna doutrinária.

Travaram discussão em que não faltaram argumentos de parte a parte.

-A minha definição espírita – argumentou o moço – é fruto de apurados estudos e meditações. Impregna a minha vida e eu não teria a covardia de traí-la num momento tão expressivo, quanto é o do matrimônio.

E ante o silêncio comovido da moça, concluiu:

- Respeito seu ideal, sua fé. Lastimo que não se trate de uma convicção legítima...

- Mas é uma satisfação que eu desejo dar à sociedade – revidou a jovem.

- Melhor razão – elucidou o noivo – para que eu não concorde. Não pretendo iniciar a vida do meu lar, através de atitudes dúbias, espúrias: pensar de uma forma e agir de outra...

Após alguma reflexão, concluiu:

- Amo-a muito. Amo, também o Espiritismo. Moças, há muitas, e espiritismo só um. Se eu conseguir conciliar os dois num só amor, como pretendo, terei logrado a máxima aspiração da atual existência.

Estava comovido.

Meses depois consorciaram-se civilmente, conforme o Estatuto Legal.

Anos depois, a esposa, que era médium desde a juventude, disciplinou os próprios recursos medianímicos, passando a excelente cooperadora do marido no ministério da divulgação e no labor santificante da caridade aos sofredores. Mantém a tua definição espírita nos momentos culminantes da existência como qualquer circunstância.

Ceder, nem sempre é tolerância ou ato de amor. Muitas vezes é gesto de convivência com o em que não se crê ou indiferença em relação àquilo em que se diz acreditar.

DISPARATE

Tratava-se de uma Semana Espírita local.

Diversos oradores convidados levaram a valiosa contribuição do seu esforço, dissertando sobre os abençoados temas espíritas, dentro das possibilidades pertinentes a cada um.

O último dia coube a jovem médico da Capital, que se destacava pela beleza dos conceitos que emitia e pela vivência dos postulados que abraçava.

A conferência transcorreu feliz, comovedora. Tese delicada fora abordada com rara felicidade, oferecendo expressiva contribuição espiritual ao auditório enlevado.

Terminada a tarefa, devotado espírita, trabalhador aclimatado a experiências personalistas, algo invigilante, acercou-se do diretor do programa e estardalhou:

- Gostei muito do moço. Falou com harmonia e propriedade. Gostei tanto e senti-me tão bem, que passei a dormir desde os primeiros minutos, despertando só no final... Creio que fui arrebatado, em algum desdobramento...

Disparates não faltam, quando se ignoram os postulados das Doutrinas que se abraçam.

O Espiritismo não recomenda, no campo da mediunidade, desdobramentos, no instante da instrução doutrinária. O mais eficiente fenômeno no Espiritismo é, ainda, o da transformação íntima do homem.

Mantém-te vigilante, quando convidado a ouvir, e mais, ainda, quando concitado a falar.

VALORES DA LOUCURA

Amavam-me, embora residindo em modesto barraco, acreditando-se, todavia, infelizes, por serem escassos os valores amoadados que possuíam.

Jogavam, na expectativa de conseguir amealhar recursos para a felicidade.

Após inúmeras tentativas infrutíferas, conseguiram a “sorte” mediante um prêmio de vinte mil cruzeiros.

O júbilo inextinguível levou-os, insensatamente, a incendiar o casebre em que viviam, com tudo dentro.

Nenhuma lembrança da miséria antiga. Recordação alguma da pobreza.

No começo da semana entrante, ouviam da televisão em casa de vizinhos, foram dominados por incomparável surpresa.

Conseguiram ser um dos 13 ganhadores da Loteria Esportiva, com o valor de um milhão e trezentos mil cruzeiros. Não se podiam conter de felicidade.

Foram procurar a cautela.

Deram busca.

Papéis remexidos, roupa examinada.

Nada! Só, então, recordaram que haviam guardado na gaveta de humilde móvel, que fora incinerado ao primeiro momento da conquista do prêmio anterior...

Vencidos em pouco tempo pelo desespero, sucumbiram em nefando suicídio duplo.

Acautela-te ante os valores da mentira e da loucura.

Só os valores espirituais conseguem manter o clima de felicidade real. Não te equivoques.

TROPEÇOS DA TAREFA

Os áulicos da Treva ameaçavam-nos sempre, utilizando-se de todo cabedal da maldade que podiam dispor. O seareiro de Jesus, no entanto, prosseguia fiel na tarefa. Inspiravam-no ao desencanto, ao receio; agrediam-no com gestos e malquerenças; providenciavam antipatias gratuitas e suspeitas infundadas; atiravam-lhe pessoas inescrupulosas; facultavam tentações, mas, o trabalhador orava, renovava-se, insistia e prosseguia.

Havemos de silenciar o teu verbo. estrugiam, raivosos, uns.

Amputaremos suas mãos. Bradavam, coléricos, outros.

Criaremos situação embaraçosa da qual não escaparás. Urgiam, venenosos, diversos. O operário do Cristo orava, vigiava e prosseguia. Convidando a deslocar-se com frequência de um para outro lugar, não eram poucos os escolhos a vencer, nem as dificuldades a transpor. Inveja de alguns, censuras de muitos, maledicências e azedumes dos frívolos, e ele, sem embargo, orava, sorria, disfarçava a dor da incompreensão e prosseguia. Não se queixava, não maldizia. Viajou, certa vez, para atender a um largo programa que o aguardava. Chegando à cidade próxima ao local da primeira conferência, não encontrou o amigo que prometera esperá-lo. No comenos, acercavam-se uns cavalheiros bem postos, saudaram-no e explicaram que seriam seus acompanhantes até a cidade onde o anfitrião, que se desculpava por ali não estar, anelava abraçá-lo e elucidaria melhor sobre o empenho. Tratava-se de pessoas de aparência simpática, joviais, de homens do mundo...

Tomaram o veículo e partiram. A distância a vencer era de cento e setenta quilômetros, mais ou menos. O discípulo do Evangelho, a fim de tornar amena a viagem pôs-se em conversação edificante. Transcorridos alguns minutos, um dos ocupantes do veículo permitiu-se uma anedota vulgar e infeliz, sendo seguido por outro compar que se orgulhava de conhecer os desvãos da sordidez humana. Gargalhadas e deboches, promiscuidade verbal e degradação humana tomaram conta dos minutos. Desagradavelmente surpreendido, o expositor espírita acautelou-se no silêncio da oração. Ao entusiasmo da levandade sucedeu-se a irresponsabilidade e o condutor acelerou, em demasia o veículo. A psicofera ambiental fazia-se tóxica,

penumbrosa. Prevendo uma tragédia, o trabalhador da verdade aprofundou-se na concentração.

Será hoje miserável! - Gritou-lhe, exultante, um dos inimigos desencarnados do bem -. Encontramos o material humano de que necessitávamos. Iremos matá-los, a fim de matar-te. E esturgiu ruidosas obscenidades, em gargalhadas de alucinação. Retemperando o ânimo na confiança divina, o obreiro solicitou ao condutor:

- Pode parar o carro por um momento? Súbita indisposição perturba-me. O pedido, feito com bondade, denunciava urgência com energia. Parada a carreira do desvario, os companheiros desavisados deram-se conta da palidez que desfigurava o convidado. Perceberam a lamentável descortesia, tentando ser úteis.

- Não se preocupe – justificou-se o pregador com gentileza -, isto me sucede de quando em vez e logo passa. Permitam-me aspirar um pouco de ar, andar alguns passos e tudo retornará à normalidade. Saiu do veículo, caminhou um pouco enquanto uma nuvem de malfeitores desencarnados tentava perturbá-lo, agressivamente. A fim de fugir a visão dos acompanhantes, dispôs-se a descer ligeira encosta da estrada, quando sentiu um vigoroso empurrão e grosseira sentença cheia de ódio:

- Cai, miserável, morre! Sem saber explicar-se, rolou pela ribanceira e encharcou-se no pântano, em baixo, recoberto de caniços. Tremiam-lhe as carnes, a respiração ofegava. Apesar disso, reuniu as forças e orou sem revides, nem desespero. À borda do asfalto, a chusma de irmãos perseguidores e doentes do espírito chiscava, zombando, em infrutífera tentativa de aparvalhamento.

- Levanta-te para outra. Retorna ao carro. Esperamos-te para o duelo. Covarde! Sem milindres justificáveis, após a prece restauradora da paz, ele levantou-se, corrigiu o traje enlameado, procurou assear-se e retornou. Ante ao assombro dos outros, acercou-se.

- Cai. – Disse com esforço para imprimir-se naturalidade à voz – permita-me retirar a mala, a fim de trocar de camisa. Atendido pelos irresponsáveis voltou-se para eles e disse com destemor:

- Agora, podem ir-se. Eu ficarei aqui.

- Que passa?! inquiriram.

- Nada. – Respondeu, - com os senhores eu não seguirei. Desculpem-me e expliquem à pessoa que os mandou buscar-me. Ficarei a esperá-lo. A atitude decidida não dava margem às dúvidas. Caindo em si, os homens do mundo insistiram inutilmente e partiram.

Sem saber exatamente o que fazer, ali deixou-se ficar, em atitude de preces.

Tinha certeza do auxílio providencial do Alto, que nunca falta. Não transcorreram muitos minutos. Um caminhão, que passava na mesma direção, parou e o condutor chamou-o.

- Necessita ajuda? – Perguntou, bondoso.
- Sim, rumo à cidade de...
- Venha! Traga a mala. Acomodou-se ao alto, na boléia, não se continha de contentamento.
- Algum problema? – inquiriu o outro.
- Sim. Tudo, porém, está regularizado.
- Estou indo a uma conferência espírita a convite do meu compadre José Leal, nesta cidade. E o senhor está de passagem? O discípulo de Jesus nublou os olhos de lágrimas, a voz se lhe embargou a garganta. Com alguma dificuldade, elucidou:
- Eu sou o conferencista. Irei hospedar-me com seu compadre... Louvado seja Deus! A serviço do Cristo jamais te atemorizes. Não aguardes facilidades, nem receies problemas. Os tropeços da tarefa são desafios à fidelidade do serviço. Entrega-te ao trabalho do Espírito de Verdade e ele cuidará de ti.

VITÓRIA DO BEM

- Aqui estive há alguns anos – narrou a Entidade em psicofonia aflitiva – e escutei palavras de conforto.
- “Vencido pelo ódio, planejava matar aquela que me prejudicara tempos atrás.”
- “As palavras que me foram dirigidas redundaram inúteis, não me acalmaram nem me dissuadiram, porém não as esqueci...”
- “Chorei, e não saberia dizer se eram minhas as lágrimas que fluíam por estes olhos ou se eram as lágrimas deles que se derramavam pelos meus...”
- “Ouvi e expus, sem poder saber se procediam de mim ou se eu dessas sensações e emoções me tornara um simples instrumento.”
- “Hoje venho rogar e agradecer.”
- “Rogar amparo porque deverei retornar à Terra e agradecer o pão de luz que me foi ofertado daquela vez”.
- Na sanha da minha perseguição – prosseguiu, calmo – eu a induzia ao suicídio.
- “Sugeria-lhe tristeza, solidão, desdita.”
- “A pouco e pouco passou a ouvir-me, e obedecer-me.”
- “O esposo, saturado, abandonou-a.”
- “A conjuntura ajudava-me nos propósitos infelizes.”
- “Desejava-a só, a fim de colimar o objetivo do suicídio, numa compulsão, em hora de desespero”.
- Chovia na noite em que ela foi ali deixada à porta. – Reportou-se em voz pausada.
- “Ela a viu na manhã seguinte.”
- “Tratava-se de uma menina esquelética, enferma, ao abandono, relegada pela indiferença da genitora inditosa.”

“Segurou a criança. Estava febril.”

“Reflexionou, triste”: “Pobrezinha!” “Também eu sou, assim, infeliz. Em que porta te deixaram! Como somos desditosas, uniremos nossas agonias... Deus fará o resto”.

“Mudaram-se os painéis mentais.”

“Pensava na menina, despertava à noite a socorrê-la, asseá-la, alimentá-la... Não pensava outra coisa.”

“Deslindou-se mentalmente de mim.”

“Libertou-se.”

“Não lhe encontrando receptividade psíquica, voltei-me pela responsável pelo insucesso dos meus planos.”

“Passei à tentativa de perturbar a pequenina, de vencê-la”.

- Instando num plano inditoso – relacionou, comovido - vi, oportunamente, no ato do sono físico desdobrar-se-lhe a personalidade...

“Não obstante fosse uma criança, nela reencarnada estava minha mãe!...”

“Recuei aterrado.”

“Não havia dúvida.”

“Só então fui informado de que a mulher a quem desejava destruir, agasalhava minha amada genitora.”

“Persegui-la, agora, seria destruir o ser que me é tão querido, assim como a mim mesmo...”

- O seu amor à criança – concluiu com ternura – granjeava amor.

“Acalmou-se.”

“Renovou-se no corpo, na mente, no espírito.”

“O esposo retornou ao lar.”

“Vivem bem.”

“Agora deverei renascer, por ela, a fim de nos reajustarmos e eu poder fruir a ventura da companhia fraternal de quem, na Terra, havia sido minha progenitora.”

“Agradeço o que recebi de Deus e rogo ajuda.”

“Adeus!”

A Entidade, emocionada, desligou-se em júbilos...

O amor produz amor.

O ódio enfloresce a loucura.

Ama e ajuda, embora estejas necessitando de auxílio e amizade.

Abre-te à luz do bem e ela te fará desabrochar a esperança que te agasalhará, amparando os sofredores do teu caminho.

DRAMA HUMANO

- Acabo de ouvir a conferência com alma e coração contritos.

Jamais as palavras de qualquer procedência penetraram-me tão profundamente o ser como agora. Encontro-me extasiada e perplexa, ante a minha situação. – Revelou a jovem bem posta, elegantemente trajada, com lágrimas de sincera unção. – Necessito de alguém que me ajude.

- Estou às suas ordens. – Respondeu o intérprete da Mensagem.

- É uma longa história e há tantos na fila, desejando falar-lhe, que não me encorajo!...

- Aguarde, então, um pouco, por favor!

Terminados os abraços e a ligeira assistência fraterna a uns e outros, o discípulo de Jesus chamou-a.

- Tentarei ser breve. – Explicou a jovem -. Sou uma bailarina de profissão, a fim de poder gozar, na velhice, de algum benefício social, no entanto sou realmente uma vendedora de ilusão. O meu padrasto seduziu-me no próprio lar, quando eu contava 14 anos. Ameaçou-me, caso eu revelasse à minha mãe ou a qualquer pessoa. Vivi aterrada, traindo a minha genitora que tudo ignorava, explorada por um monstro que me perseguia. Não podendo magoar minha mãe com a verdade, fugi de casa, por amor a ela e para ver-me livre... Fez uma pausa, a fim de ordenar as lembranças e prosseguiu:

- De ludíbrio em ludíbrio terminei num lupanar, onde hoje resido. Há dois anos conheci um cavalheiro que me retirou dali e ofereceu-me segurança, amor e paz. Mais idoso do que eu 30 anos, eu o respeitava e tinha-lhe profunda amizade. Um dia, quando conversávamos, informou-me ser casado, pai de dois filhos, um rapaz e uma jovem da minha idade. Amava a esposa e não tinha coragem de abandonar a família, embora me amasse muito, também. Sem saber-me explicar o que aconteceu, passei a sofrer de um tremendo complexo de culpa. Sabia-me destruindo-lhe o lar. À medida que passava o tempo, defini-me por abandoná-lo. Escrevi-lhe uma longa missiva, relatando meu dilema e partindo para outro país...

Enxugou as lágrimas copiosas, continuando a narração.

- Não o olvidei nunca. Um ano depois, arrasada pelas saudades, retornei. Procurei-o. Soube que na minha ausência, ele ia ao lupanar, sentava-se em silêncio na cadeira onde nos conhecemos, na recepção, e saía. Noite, após noite, sem uma palavra, sucumbindo... Depois, não mais voltou... Certamente morrera...

“Como lhe soubesse a residência fui até lá. Recebeu-me a viúva. Expliquei-lhe que seu esposo fora-me um benfeitor e eu desejava, ao retornar do estrangeiro onde me encontrava a estudar, e sabendo do seu desenlace, apresentar condolências, agradecer...”

“A respeitável e bela senhora recebeu-me compungida. Frente a frente eu repassava toda experiência, mentalmente, fazendo-me uma cruel interrogação: “Fora melhor assim, ou se houvesse ficado, tê-lo-íamos ambas?” Ele havia perecido de angústia, de saudade. “Sem diagnóstico”, afirmou-me a dama...”

“Começou, então, minha decadência. Passei a usar drogas... Fui presa duas vezes... Hoje, ao sair do cárcere, resolvi matar-me. Vesti-me bem, dirigi-me ao bar, preparava-me para tomar um refrigerante com veneno, quando ouvi dois cavalheiros que falavam sobre o suicídio, a conferência... Interpelei-os. Pacientes, explicaram-me que não há morte, trouxeram-me aqui. Que faço, agora?

- Necessitaríamos de tempo, minha irmã. Neste momento outro compromisso me aguardava e amanhã deverei viajar a outra Cidade...

Enquanto dialogavam, acercou-se a anfitriã do orador, sorrindo, e lembrou-lhe o compromisso.

Ante a difícil conjuntura ele olhou para uma e outra personagem, sem saber o que fazer.

A senhora, acostumada aos dramas humanos, compreendeu o problema e sugeriu:

- Por que não convidamos a jovem a vir à nossa casa, a fim de continuar o assunto.

- Eu?! Perdão, senhora, não posso lá ir. Eu sou uma pecadora...

- Não lhe estou a perguntar quem você é. Isto não importa. O essencial é o que pretende ser a partir deste momento. Vamos!

A decisão não permitia qualquer outra alternativa.

Terminado o compromisso a jovem e o mensageiro da Verdade conversaram demoradamente, até a alvorada do dia imediato. Foram examinados os diversos ângulos da difícil questão em face da sua complexidade, a senhora propôs:

- Fique, aqui, minha filha, a fim de bem refletir, até o nosso amigo retornar, dando curso ao seu programa de reabilitação.

Ela esquivou-se a aceitar.

Havia, porém, tão sincero desejo de ajudar, por parte da senhora, que terminou por aquiescer, ali permanecendo, transitoriamente, e meditando em tudo quanto ouvira.

Três dias após, retornou o orador a continuar as conferências na Capital.

A jovem acompanhou-as todas. Recebeu conselhos e diretrizes.

- Diga-me, por favor, ele morreu por minha culpa? – Inquiriu, magoada, oportunamente.

- Não, pela própria responsabilidade. Você fez o que deveria fazer.

- Graças a Deus! Há quase dois anos, porém, sofro terrivelmente.

- O Senhor resolverá tudo. Entregue-se a ele. Tentou entrar em contato com sua mãe, neste íterim?

- Sim, várias vezes. Estava envenenada pelo meu padrasto. Amaldiçoou-me, pedindo-me que nunca mais tentasse falar-lhe. Não lhe pude dizer a verdade. Fá-la-ia mais inditosa.

- Agiu corretamente.

Os dias se passaram animosos. A jovem, hospedada no lar em que se encontrava o conferencista, renascia.

À despedida, antes de retornar aos seus penates, o trabalhador rogou-lhe forças e coragem para prosseguir no bem.

O casal, que não tinha filho, à guisa de gratidão ao amigo consolador, ofereceu o lar à moça atormentada, insistindo com veemente decisão.

Ela terminou por ceder.

Dois meses depois, a ex-decaída parecia renovada. Fizera tratamentos médicos, submetera-se às disciplinas morais e exultava.

Escreveu ao amigo distante, narrando suas novas disposições íntimas, sua felicidade. Passara a freqüentar a Instituição Espirita dirigida pelos seus atuais benfeitores.

Quatro meses após informava que encontrara um confrade que lhe propusera afetividade. Não sabia o que fazer. Tinha receio de enganar-se outra vez.

Seis meses passados narrava que usara de toda franqueza com o enamorado, minudenciando-lhe o pretérito próximo. Ele não lhe perguntava pelo já ocorrido. Oferecia-lhe o futuro...

Casou-se um ano após a entrevista e estava ditosa.

No segundo aniversário na sua renovação, tornara-se mãe de um varão.

Retornava aos seus braços e sentimentos o antigo apaixonado que se frustrara, na condição de filho dileto, a fim de sublimar o amor, graças à bênção da reencarnação.

O drama humano fora solucionado pela sabedoria do Pai que tudo prevê e provê com perfeição.

Nada, nenhum drama justificará a fuga pelo suicídio.

A manhã nova trará, com certeza, resposta ao problema sombrio da noite em que o homem se debate. Conveniente esperar.

Há sempre soluções felizes para as questões mais complexas, se as colocamos nas mãos do Senhor.

Ter paciência é confiar.

EXIGÊNCIA INDITOSA

Realizara o serviço com dedicação e aguardava o pagamento.

Aqueles eram dias difíceis para todos.

Circunstâncias imprevistas agravaram os problemas do cliente, que se viu constrangido a confessar a impossibilidade de resgatar o débito.

Explicou, pediu prazo, prometeu recuperar-se da situação difícil...

O credor, no entanto, deixando-se intoxicar pela revolta e supondo-se injustamente ludibriado, fez-se enérgico, lamentou não poder adiar a regularização do débito.

Exigiu a remuneração pelo trabalho, impôs-se, ameaçou apresentar queixa à polícia...

No ardor da discussão, que surgiu, inevitável, o paciente asseverou que, de valor, possuía, apenas, um revólver de alto preço, que colocava como veículo de pagamento.

O indignado facultativo aceitou a arma como penhor, até que a dívida fosse liberada.

Levou-a para casa e guardou-a carregada, sem, ao menos, havê-la examinado. Menos de um mês depois, seu filhinho de 7 anos encontrou-a e, fascinado pelo estranho objeto, pôs-se a brincar, inocente.

Como fosse surpreendido pela genitora, assustou-se, a arma caiu-lhe das mãos, disparou, acertando-lhe o jovem coração e roubando-lhe a vida...

Com a severidade com que se exige, padece-se da severidade das circunstâncias.

A tragédia tem início quando alguém se transforma em verdugo do próximo, atraindo para si as malévolas conjunturas que cria.

Não te permitas os arranjos que podem conduzir às dores irreparáveis.

Cultiva a tolerância e esta te dará paz.

VOLTE, PARA EU CHORAR...

A sala gradeada e ampla da Penitenciária Estadual encontrava-se repleta.

Eram jovens delinquentes menores de trinta anos, que se encontravam recolhidos, por haverem destruído vidas humanas.

A jovem dama espírita fora convidada a proferir uma conferência, a fim de colaborar na tarefa de reeducação empreendida pela Casa Correcional.

A palavra lhe escorria pelos lábios, nascida na alma gentil, entretecendo considerações sobre os vergos agir e reagir.

“O animal ferido reage – afirmava com doçura e sabedoria -. O homem, quando agredido, age.”

“Reagir é do instinto, significa revidar. Agir é atitude decorrente da razão, do discernimento.”

“A reação agressiva é ato de covardia moral, enquanto que ação pacífica é uma atitude de valor moral.”

O auditório atento bebia-lhes os enfoques sábios.

“Se muitos, senão todos aqui, se tivessem recordado de agir, no momento do problema, atuar com discernimento, certamente o resultado seria outro...”

Nenhuma censura no conceito, condenação alguma na mensagem.

Ela relanceou o olhar, numa pausa que se fez natural, e se deteve fulminada pela expressão fria, quase zombeteira, de crítica ácida sem palavras, na face lívida de um jovem reeducando.

Por pouco não se desconcertou.

Prossegiu, porém, asseverando:

“Quando, no Pretório, o soldado esbofeteou a face do Mestre, a fim de ser simpático a Pilatos, Jesus não entremostrou qualquer reação...Serenamente, fitou o jovem militar atormentado e o inquiriu: - “Por que me bateste? Se falei errado, mostra-me o meu erro, se, porém, falei corretamente, por que me bateste?” A interrogação ficou sem resposta. A mente aturdida no agressor, porém, jamais olvidaria aquele homem, aquele momento”...

O silêncio fazia-se sepulcral. Alguns detentos, comovidos, choravam, e não se envergonhavam disso.

Depois de novas considerações, a nobre oradora falou da reencarnação – bênção do amor de Deus para todos os homens – suas esperanças e consolações, encerrando a conferência.

Já, ao fim, olhou para o jovem que a desafiava sem palavras e defrontou a mesma rude expressão facial agressiva.

Sentiu-se assustada, lamentando não o haver sensibilizado. Sentia-se algo frustrada.

Terminadas as conversações, as despedidas, dirigiu-se à porta e escada externa de saída, quando vigorosa mão segurou-a pelo braço e puxou-a.

Ela se voltou, quase bruscamente, e o viu. Ele a fixava com incomum brilho no olhar.

A voz era trêmula, quando indagou:

- A senhora pretende voltar aqui?

- Não sei... Creio que não fui convincente, clara... Não acredito que hajam gostado do que eu falei...

- Volte, senhora, por favor! – Ele pediu, vivamente comovido. – Volte, ao menos, para me fazer chorar outra vez, como hoje...

Ela tem voltado e ele encontrou Jesus. Chora, diferentemente, agora.

As aparências nem sempre refletem os estados da alma.

No bem, faça sua parte, e o próprio bem realizará o que lhe cabe produzir.

IRREVERÊNCIA E SINTONIA

A mordacidade constituía-lhe característica marcante da personalidade.

Irreverente para com tudo, utilizava-se da “arte de imitar” a fim de sorrir e provocar sorrisos.

Tornou-se espírita, ou, simplesmente, aderiu ao movimento espírita.

Mas não se modificou.

As instruções sérias dos Espíritos sensibilizaram-no sem o corrigir.

Só por galhofa, imitando comicamente outro companheiro de fé, improvisou uma incorporação para agrado dos circunstantes.

Muitos sorrisos.

- Basta! Basta! Não suportamos mais! – Exclamaram os amigos.

Ele prosseguia.

Semi-hebetado continuou, sem parar...

Sintonizando com o ridículo e os Espíritos mistificadores, entrou na faixa da treva e demorou em lamentável estado de perturbação.

A cada coisa, circunstância ou dever um cuidado próprio.

Horas há para tudo.

Reserva-te equilíbrio, discernimento, dignidade.

IDEALISMO E AÇÃO

Entusiasta, não controlava devidamente a própria emotividade.

Descobria “missionários” em qualquer verbo inflamado.

Dirigia um Centro Espírita, de que se ufanava.

Ouviu falar das novas idéias que sacudiam a mentalidade juvenil. Uma nova era que começava, como se o Espiritismo já não o fosse.

Convidou um moço que se dizia abrasado pela verdade e pretendia contribuir de modo a transformar de uma para outro instante o “status” social.

Não obstante honesto e de propósitos salutareis, encontrava-se arrebatado, esquecendo as sadias lições da vida e da Divina Sabedoria.

O jovem falou incendiado por irrefreável idealismo.

Mas não foi entendido.

O auditório se esvaziou rapidamente.

Os semblantes se fizeram carrancudos.

O anfitrião compreendeu que o entusiasmo não é o essencial...

Levantou-se após a conferência e disse em tom de lamento, diante do convidado surpreso:

- Peço desculpa ao público por havê-lo convidado. Isto não se repetirá.

Prometo!

E fez-se amargo.

Identifica-te primeiro com aqueles que irão divulgar a Mensagem do Senhor.

Procura-lhe as credenciais-atos, indispensáveis e recorda o velho brocardo:

“Nem tudo que reluz é ouro.”

SOLUÇÃO FELIZ

A reunião transcorria em clima de ordem.

Pobre senhora obsidiada, na assistência, tomou de delicada corneta plástica e começou a soprá-la, perturbando o ambiente.

Constrangida e inquieta, dedicada freqüentador da Casa, após orar, falou discretamente:

- Meu bem, você quer vender-me a linda cornetinha para minha menina?

- Oh!, sim, obrigada!

E sorrindo, entregou-a.

Ante a cédula expressiva, ofertou, ainda, duas laranjas que trazia como se fora o competente troco.

Não reajas ante os perturbados. Age com discernimento, cristãmente.

Ora, e, inspirado, ajuda sem constranger, resolvendo o problema, sem criar outro.

Ajuda melhor aquele que compreende.

Quando nada possas fazer, ora e deixa que alguém mais capaz se encarregue do cometimento.

CONVIDADO

Muito jovem apareceu no cenário da fé arrastando multidões.

O verbo quente e dúbido, sob a superior inspiração, lenia feridas morais, consolava.

Aqui e ali era disputada a sua presença.

Dama distinta e refinada, através de amigos comuns, logrou convidá-lo a um almoço íntimo, no seu luxuoso apartamento.

A hora aprazada, discretamente vestido e visivelmente constrangido o médium-pregador compareceu.

A senhora exultou.

Imprevisto grave reteve no escritório o esposo, igualmente interessado em recepcionar o moço.

O almoço seria informal, em intimidade.

Convidados à refeição pelo mordomo, sentaram em cadeiras colocadas e nas extremidades da mesa.

Embora o ar refrigerado, estranha sede dominava o conviva.

A mesa nobremente arrumada exibia taças e copos vazios. Havia, apenas, pequeno vaso com água fresca, convidativa

Como a refeição demorasse a ser servida, o moço, acabrunhado, sorveu o conteúdo do delicado recipiente.

A dama não sopitou a surpresa.

A refeição, a partir de então, transcorreu em clima de constrangimento.

À sobremesa, a anfitriã tomou uma uva e com delicado gesto bem significativo levou-a à taça e imergiu-a.

- Desculpe! – falou o visitante – Em minha terra as frutas já vêm lavadas.

- Aqui também – retrucou a senhora.

E demonstrou enfado, decepção...

Os médiuns e pregadores são instrumentos do Senhor a serviço da Vida

Abundante e não modelos sociais, requintados, para devaneios, frivolidades.

Ajuda-os no ministério abraçados, ama-os evitando constrangê-los pelo exibicionismo, pela disputa em estrelismos cruéis e perigosos.

A VERDADE PARA CADA UM

- Diga-me toda a verdade. Por favor, é uma súplica que eu faço.
 - Meu amigo, quem se pode considerar portador da verdade? tudo são relatividades...
 - Mas no meu caso, os exames não são concludentes? A biópsia não esclareceu o diagnóstico?
 - Sim... Sim... Mas ocorre...
 - Diga-me: é câncer? Não receie informar-me. Sou budista! Creio na imortalidade, na reencarnação. Não temo a morte. Desejo, porém, ter certeza, a fim de organizar papéis, compromissos, tomar resoluções... Tenho família...
 - Ora, todos devemos estar preparados, pois que esse fatalismo biológico a todos nos alcançará, inevitavelmente...
 - Eu, todavia... Esclareça-me, homem, por Deus. É câncer?
 - Sim. trata-se de uma NEOPLASIA MALIGNA... Câncer!
 - Com metástase?
 - Sim, generalizada. Não há, porém, razão para desespero. A ciência, a cada dia...
 - Quantos meses, doutor?
 - ?
 - Quantos meses eu tenho de vida?
 - Quem o sabe? Somos médicos apenas.
 - Quanto tempo provável?
 - De dois a quatro meses, não mais, conforme concluo...
 - Obrigado, doutor...
- ... E dali saindo cometeu suicídio venal e cobarde.
Aquieta-te na esperança.
Confia na vida.
Cuidado com o que supões ser verdade.
Lembra-te da verdade que convém a cada um, ante a Verdade.

ESTUDO ESPÍRITA

Vangloriava-se de possuir o “dom da palavra”. Estudo era renovação – afirmava. A inspiração significava-lhe tudo – insistia. Bastava abrir a boca e jorrava a torrente – asseverava. Estudar a Doutrina é erro – acrescentava com falsa austeridade. Os espíritos ajudam no momento próprio. E pregava aqui, ali, onde era convidado a fazê-lo. Lamentavelmente convidavam-no outros cegos.

Salão à cunha, referto.
Aniversário do Centro.

Flores, sorrisos, declamações.

Convidado, assomou à tribuna.

Irmãos e irmãs! Hoje falarei em detrimento da Doutrina. – Começou, eufórico.

... E falou. Ensina o Evangelho que o Espírito Santo fala pelos trabalhadores do bem, e que “basta abrir a boca.”

Ninguém duvida. Resta, porém, saber se a boca está em condições de traduzir a palavra do “Espírito Santo”. Menos petulância e mais estudo doutrinário do Espiritismo. Menos fanatismo e mais discernimento. Vigilância e oração constituem ingredientes de paz. Nem elite intelectual, nem tão pouco ignorância presunçosa. Resguardemos a boa comunicação espírita, examinando quem, como é quando alguém está em condição de servir com maior acerto e ensinar com segurança e lucidez.

SEGURANÇA DE FÉ

Fora acometido de enfarte.

Em repouso absoluto no Prontocor, recebeu a visita de amigos espíritas.

Surpreso, o cardiologista interferiu:

- Que é isto? O senhor não pode receber toda essa gente. Que fazem aqui?

- Somos espíritas, doutor, esclareceu o paciente. Os amigos vieram orar e aplicar-me o passe.

A expressão do facultativo denunciou o espanto e logo depois o ceptismo.

Com a seringa pronta para aplicar-lhe o medicamento oportuno e salvador, interrogou, sarcástico:

- Que prefere primeiro, já que o seu caso é grave?

- A prece e o passe, doutor. Favor retirar-se. Depois o senhor poderá voltar.

Convicção e segurança íntima se testam no instante das grandes decisões.

Por mais longa se faça a vida física, a hora chega e a vida cessa. Além dela, seguirão as convicções e atos como companheiros e sinais de perfeita identidade.

CARIDADE EFICAZ

Salustiano Maciel, o excelente espírita corumbaense, que exerceu com lisura e dignidade a função de prefeito da cidade, despertou certa noite ouvindo inusitados ruídos que vinham da cozinha da residência.

Homem probo e gentil, corajoso e de fé rutilante, dirigiu-se ao compartimento a acendeu a luz. Surpreso, deparou com atônito ladrão que se apropriava indevidamente de alimentos e utensílios ali guardados.

Sem perder a calma, o devotado discípulo de Allan Kardec interrogou:

- Que se passa, meu filho?
- Tenho fome, senhor! – Respondeu o jovem larápio.
- Então não há problema. Sente-se um pouco, que iremos dar um jeito nisso.

Ato contínuo, despertou a esposa, solicitando-lhe preparar adequada alimentação para o estranho que, dominado por crescente constrangimento, acompanhou os lances inesperados daquela noite inesquecível.

- Agora, filho, comamos – sugeriu, sorridente.

Terminada a saborosa refeição, o estranho perguntou:

- Posso ir-me?
- É claro, que sim.

O moço recuou a porta por onde se adentrara e já estava pronto a retirar-se, quando Salustiano lhe esclareceu:

- Por aí, não. Pela porta da frente, para que não pensem mau de você, a esta hora da noite, caso alguém o surpreenda.

E depois de uma pausa, concluiu:

- Quando tiver necessidade, procura-me...

Até hoje o quase malfeitor, que logo se regenerou ante aquele gesto, bendiz o nobre semeador das verdades evangélicas.

Nonagenário, caminhando a pé pelas ruas de Corumbá, era visto, até há alguns anos atrás, o venerando líder espírita dirigiu-se ao Templo Kardecista para aplicar passes. Quando alguém lhe oferecia condução, respondia jovial:

- Sou-lhe grato. Prefiro ir a pé pois assim o meu trabalho é mais completo.

Medita! A caridade eficaz é aquela que não apenas ajuda face ao problema, mas a que liberta o homem do problema que o aflige.

CONFORTO E LIBERDADE

O casal dirigia-se naquele domingo pela manhã ao serviço espírita, em subúrbio distante, no Rio de Janeiro.

Conversavam animadamente sobre os planos que acalentavam em torno do futuro ridente, na fé abrasadora, sob a égide da caridade.

Em chegando à Estação da Central do Brasil a fim de tomarem a condução, notaram, entre caixas vazias, um petiz que dormia tranqüilamente, embora o ruído da cidade despertando.

Pararam automaticamente e entreolharam-se.

- Falávamos de caridade – disse a senhora. – E no entanto... –

Aguardemos que desperte. Talvez possamos fazer alguma coisa – alvitrou o companheiro.

Um trocador de moedas de ônibus, no local, acercou-se e esclareceu:

- É pena! Esse é um excelente menino. Aqui vive, ajuda-nos e nós o ajudamos. Não tem ninguém.
Afastou-se para atender a seu mister.
Passando algum tempo, o garoto despertou, risonho, e surpreendeu-se com o casal que o fitava.

- É servido a um café conosco? – Sugeriu o cavalheiro.
- Claro, claro. – Agradeceu o garoto.
Ficaram, então, amigos.
Passados alguns dias, o senhor convidou-o a morar com ele, a que o pequeno aceitou de bom grado.
A vida mudou completamente: Roupas, sapatos, agasalhos, alimentação, comodidade, deveres também...
Um mês depois, enquanto os pais adotivos o olhavam na cama aquecida, ele expôs francamente:

- É, aqui, há de tudo, mas não há conforto!
- Conforto?! – Inquiriram os benfeitores.
- Sim, conforto!...

Referia-se à liberdade. E fugiu, dias depois.
Posteriormente foi recolhido por uma batida policial e encaminhado a uma “Casa de Menores”. Fez-se adulto, tornou-se cidadão.

- Nunca me esqueci dos senhores – disse dez anos depois ao casal, numa visita inesperada. Os senhores me salvaram a vida. Eu não tinha juízo àquela época. Mas o carinho que aqui recebi, a ternura, a bondade mudaram a minha existência. Não voltei, por acanhamento. Jurei, porém, que um dia voltaria, a fim de agradecer-lhes e dizer-lhes que a semente do bem que plantaram no meu coração nunca morreu...
Aquele menino, ao fugir, motivou o casal a ampliar as possibilidades de amor, atendendo outros.
Seu gesto, com o tempo, se transformou numa sementeira de luz e hoje alberga no seu seio centenas, milhares de crianças espalhadas por todo o Brasil, em nome de Jesus e do amor.
Quando amares pensa em dar conforto, mas não suprimas a liberdade.
Sobretudo, em qualquer situação ama e mesmo decepcionado, continua amando, porque a gota de luz, colocada na noite de um espírito, se transforma hoje ou mais tarde em rutilante estrela de esperança, clareando na direção do futuro.

CONDUTA ÍNTIMA E PÚBLICA

Antônio Pombo, o excelente trabalhador espírita das Alagoas, cuja vida foi um exemplo de humildade e abnegação, a todos cultivava conseguindo convencer pela palavra, graças aos atos de enobrecimento da sua existência cristã.

Como sempre ocorre, havia aqueles que, incorretos, não podiam compreender a correta conduta do confrade fiel.

Resolveram, então, testar o amigo.

Para tanto, contrataram atormentada mulher que vendia ilusões sexuais e promoveram, em casa discreta, um encontro entre a infeliz e o trabalhador do Cristo, pensando surpreendê-lo em atitude comprometedora...

Informado de que uma paciente sofredora o aguardava, Pombo se dirigiu ao endereço onde era solicitado e constatou, surpreso, que a mulher enferma era portadora de grave problema do espírito.

Sem titubear, apesar de convidado e tentado ao compromisso da venalidade, o discípulo fiel pôs-se a falar com tal magnitude e pureza de sentimento que, após a entrevista, conseguira converter a pecadora à fé espírita, libertando-a da obsessão que o lupanar lhe desenvolvia e fixava.

Só então, os amigos levianos tiveram a medida, deficiente é claro, da nobre estatura espiritual do amigo, que, no entanto, nunca referiu o fato a ninguém. Atitudes espíritas devem ser sempre as mesmas: em público ou reservadamente.

Assim, como não te cabe testar ninguém, age na vida íntima de tal forma que poderias em paz repeti-lo em qualquer lugar e em circunstância qualquer, honrando os postulados esposados.

CIÚME

A dama deixara por momentos o esposo na agência bancária, enquanto se afastara a fazer compras.

Retornando, inesperadamente, defrontou a cena.

Uma jovem atendente, de muito boa aparência, agradecia, sorrindo, as gentilezas do cavalheiro. Ele, a seu turno, estava comunicativo, entusiasmado. O ciúme petrificou-a.

Não podendo dominar-se, sentou-se, e, rispidamente, desabafou:

- Estou vendo, hein! Estou aqui!...

As lágrimas chegaram-lhe abundantes, nervosamente.

Nesse comenos escutou nos refolhos da alma: “acalme-se, não há nada de mais. Ela agradecia a mensagem que lhe fora ofertada.”

Estranha, preciosa paz acudiu-a.

Sem haver quase percebido o drama da esposa, ele se acercou e disse:

- Entreguei algumas mensagens àquela moça, pedindo-lhe que as passasse adiante, entre colegas e clientes do Banco.

... Ele divulgava a Doutrina Espírita, distribuindo mensagens lindamente impressas.

Estava tudo esclarecido.

Não te deixes conduzir pelo ciúme, que somente apresenta as coisas pela face negativa.

Conserva a calma e espera, confiando em Deus.

ESCRITO NOS CÉUS

Caracterizava-se pela bondade, dotado de excepcional paciência.

Espírita consciente uniu os dotes da pregação aos dons da caridade.

Dia-a-dia, porém, aumentava o número de necessitados.

Grande parte deles em chegando, asseverava:

- Aqui venho por indicação de uma freqüentadora desta Casa abençoada, que teve piedade de mim. Afirmou-me que o senhor é caridoso e resolveria o meu caso.

O trabalhador, no entanto, sobrecarregado de responsabilidades, ficava constrangido, em face do aumento constante dos necessitados, recomendados por pessoas de “bom coração”, conforme eram ditas.

Certo dia, no entanto, o servidor da caridade, ante uma senhora impertinente, cansativa, retrucou:

- Sugiro que a senhora retorne a quem a mandou e peça-lhe para que, desta vez, ela própria lhe faça a caridade.

A solicitante redarguiu:

- Mas ela afirmou-me que o senhor é quem me faria a caridade, por ser pessoa evoluída, dedicada.

- Sim, sim, compreendo. Agora, sucede que eu, também, gostaria que ela evoluísse... Para tanto é mister que comece já pelo exercício da caridade, da bondade...

E encerrou a entrevista.

Mas ficou incomodado.

Orando, mais tarde, revisava mentalmente os atos do dia quando lhe voltou à mente o sucesso desagradável. Reconhecia que não estivera bem, que agira com azedume.

Aparecendo-lhe o Mentor Espiritual, confiou-lhe:

- Não posso entender a maneira dessas pessoas. Gostam de parecer bondosas, encaminhando para os ombros sobrecarregados do próximo o que não gostam e preferem não fazer.

E narrou a amargura de que estava possuído.

O Instrutor gentil escutou-o tranqüilo, e esclareceu, generoso:

- Não se agaste. O agastamento é mau conselheiro. Lembre-se de que o seu “nome está escrito nos Céus” e alegre-se. Isto não lhe basta? Lá você é conhecido.

Ele exultou.

Continuando, sereno, o Benfeitor concluiu, quase com um sorriso:

- Ora, quando o Senhor ouve alguma rogativa de aflitos da Terra, examina com quem pode contar, a fim de os atender com presteza. Recorre, Então, aos assentamentos celestes, e, confiante, os encaminha àqueles que lá estão registrados. Como o solicitante nem sempre ouve a resposta, sobre quem deve procurar, utiliza-se o Divino Amigo dessas almas generosas, que, não obstante de boa formação, tornam-se corretores do encaminhamento, embora permaneçam sem o lucro da ação. Compreende?

- Sim, sim!...

Desde então, o companheiro da fraternidade desdobra esforços no bem, e, com o sorriso de humana compreensão em torno dos problemas alheios, bem-humorado, escuta os recém-chegados dizerem:

- Uma pessoa de bom coração desta Casa mandou-me aqui...

Ante o trabalho a fazer, não sindiques, não compliques, não te aflijas nem te irrites.

Faze o que possas, como possas, até quando possas. A verdade é que, desejando, sempre poderás fazer mais, além do que supões poder fazer.

PARÁBOLA MODERNA

Enfermara fazia muito tempo e transitara de guichê a guichê de informações, munido com a competente guia para o internamento hospitalar.

Difícil, ali, a vaga de que necessitava.

Adicionando à enfermidade a fome perseguidora, desmaiou à porta da Repartição, quase ao término do expediente.

Passado o primeiro choque de alguns transeuntes, ali ficou semi-hebetado.

- Certamente é bebida, afirmaram alguns, ou epilepsia, completaram outros.

- Convém que nos metamos, acentuaram terceiros, e ele ficou girando no mundo do vágado demorado.

A noite caiu e ele, sem forças, continuou tombado.

A precipitação de todos não tempo para examiná-lo; a velocidade dos veículos não permitia que o vissem desfalecido.

Ele permaneceu derreado.

Quando o silêncio se abatera sobre o centro comercial, um petiz desafortunado vendo-o tombado se acercou e perguntou-lhe o que havia.

Ele balbuciou algumas palavras e o menino de rua, acostumado ao sofrimento humano, respondeu: "Isto se resolve com uma xícara de café."

Saiu a correr e a correr retornou, trazendo nas mãos o estimulante que lhe faltava ao corpo combalido.

Depois, ofereceu-lhe ombro gentil e ajudou-o a tomar a condução em local próximo a fim de retornar ao lar.

A criança não lhe pediu nome. Nem ele agradeceu ao benfeitor anônimo. tudo sob o manto da noite e o olhar da Caridade.

Cuidado com a indiferença! Porque tudo esteja mal, não agraves com o cepticismo a maldade que grassa.

Sê o Samaritano, mesmo que não tenhas “nada com isto”, que ele não seja dos teus e que a pressa te esteja impulsionando para dele fugir. Talvez, um dia, - pois que ninguém está isento desta ocorrência – sejas tu o tombado, na calçada da rua, ou no leito do hospital, em qualquer lugar, sob o manto da noite e o olhar da Caridade.

A CONSULTA

- De quantas sessões necessito para minha cura? – Interrogava a dama bem vestida ao modesto dirigente da Agremiação Espírita.

- Poderia dizer-me qual o problema que a aflige? – Inquiriu o paciente evangelizador.

E o diálogo prosseguiu:

- Sempre sofri. Desde que me consigo encontrar pela memória sou uma sofredora. A dor é comensal da minha vida: enfermidades, dificuldades financeiras, perseguições, incompreensões de toda ordem... Não suporto mais. A vida é-me desagradável, um fardo insuportável.

- O sofrimento, sem dúvida, é companheiro de todos nós. A Terra é abençoada escola evolutiva, em cujos cursos realizamos valiosas aprendizagens. Nesse sentido, a dor sempre é participante das nossas lições purificadoras.

- Sim, mas não me conformo. Todos dizem que sou médium e que isso decorre da mediunidade, que eu deveria desenvolver, a fim de ficar boa, libertar-me dos problemas. Por essa razão, indago: em quantas sessões isso se dará?

- Necessário prestar-lhe alguns esclarecimentos, minha irmã. Inicialmente, merece que consideremos a mediunidade não como doença ou castigo, antes como bênção, porta de serviço, rota iluminativa. Os sofrimentos, que todos experimentamos, decorrem do nosso passado culposos, das nossas faltas e débitos cometidos perante as Soberanas Leis do Universo. Pelas possibilidades mediúnicas, devidamente educadas, trabalhadas com carinho e sacrifício, granjeamos bens para a paz e renovamo-nos para a vida, compreendendo melhor os deveres que nos cabem desdobrar. Desenvolver a mediunidade, seria trabalhá-la, incorporando aos nossos hábitos e do auxílio desinteressado e sacrificial em relação aos que sofrem de um plano como do outro da vida... Para tal cometimento não há prazo fixo. Às vezes é precisa toda a existência física de devotamento, continuando, mesmo, até além do túmulo...

- Toda a vida?! E quando irei viver, gozar, aproveitar os meus dias?

- Gozar os dias não significa o exaurir das forças, o desdobrar das sensações, o desgobernar sentimentos, o fruir sem dar...

- Então não me interessa mediunidade, nem Espiritismo. Veja lá, dar a minha vida! Que coragem! É esse o homem que aconselha e resolve problemas? Para mim, basta!

E saiu resmungando, deselegantemente.

Ainda hoje, muitos buscam soluções fáceis e não resoluções permanentes, salvadoras, em consultas rápidas...

Para tais, Jesus e Fé são ingredientes para problemas e não rotas para evitarem problemas.

Apiada-te deles, mas não te detenhas. Vai, sombranceiro, adiante!

COMODIDADE E DISFARCE

A senhora espiritista foi visitar a amiga, freqüentadora de abençoado Núcleo Espirita.

- Hoje estou desolada. - } Afiançou-lhe a consóror, em lágrimas. – Imagine, que eu sou tão feliz, que me sinto inditosa! Tenho independência econômica, saúde, uma família modelo, um lar... Disponho de tempo, tudo transcorre às mil maravilhas...

- Por que não reparte essas alegrias com os sofredores?

- Não tenho jeito.

- Então, reserve as horas vazias para costurar, no Centro, a benefício dos pobres.

- Não posso. Já faço isso uma vez por semana.

- Faça-o, porém, em casa.

- Isto, não. Ninguém de lá o faz, porque iria eu fazê-lo?

- Costure e venda. Oferte o lucro para as atividades socorristas da Casa.

- Não me parece boa idéia, porquanto lá não se necessita de dinheiro.

- Bem! Faça visitas aos enfermos, lendo para eles “O Evangelho Segundo o Espiritismo”.

- Receio a convivência com essa gente, pois temo pegar maus fluidos.

- Alfabetize algumas crianças.

- Impossível, sujariam a minha casa.

- Faça-o noutro lugar, que não aqui.

- Crianças exaurem muito a gente e poderiam por-me nervosa.

- De fato: você é muito infeliz; mais do que supõe.

Despediu-se, e se foi, deixando a exploradora das bênçãos da vida entregue à própria negligência e comodidade disfarçada de sofrimento.

Ante o bem que deves fazer, faze-o, sem indignações, sem protelamento.

Agora é a tua hora de ajudar. Não a adies.

JOVENS E ADULTOS

Formava num grupo de modernos e avançados boys.

Arruaceiros, perturbadores da ordem.

Belicosos, eram o terror do bairro.

Agressivos, tresloucados.

Chefe, disputado pelas moçoilas, contava 15 anos.

Protótipo do cafajeste, modelo da mentalidade nova.

Noite sem estrelas, 21:00 horas.

- Descobri um casal, ali na praia, à sombra do outeiro, em situação surpreendente. Vamos pregar-lhe um susto e aliviá-los dos pertences?

- Aprovado!

- Tudo com calma. Esgueiremo-nos e cerquemo-los, impedindo-os a retirada.

- Legal!

Os vultos amparados pela noite eram sombras na treva espessa.

A um assobio característico, todos saltaram, cercando o casal irresponsável.

- É um assalto! – Gritou o chefe, acendendo a lanterna que projetou luz no rosto dos aturdidos enamorados.

Apagou-a incontinente, porém, sob gélido tremor e silêncio geral, batendo em retirada...

Era a genitora do líder, senhora leviana que ali se encontrava.

Sempre que agredimos, a nós mesmos nos agredimos.

- “Os que tomam a espada morrerão à espada” – disse Jesus.

Como fizemos, será feito conosco.

GRANDEZA DALMA

Tornara-se famoso fisiólogo.

Seu nome ilustre passou a símbolo de sabedoria na especialidade médica que elegera.

Humilde, aliava a bondade à larga experiência técnica na terapêutica para os tuberculosos.

Fizera-se respeitado, sobretudo, amado.

Em relevante Congresso no qual se encontravam os mais hábeis fisiologistas do mundo, perguntou-lhe um repórter, após ouvi-lo na defesa de significativa tese:

- Por que o doutor escolheu esse delicado ramo da medicina: a Fisiologia?!

Com simplicidade comovedora ele respondeu:

- Eu fui órfão na infância, tendo recebido da minha avó, mulher excepcional pela nobreza dos sentimentos, a doação de todas as suas horas.

“Para que eu pudesse estudar, ela submeteu-se às mais humildes e exaustivas tarefas num esforço sobre-humano.

“A minha foi a sua vida; as suas foram as minhas horas. Suas alegrias eram os meus sorrisos, sua felicidade, a minha meta: a formatura em Medicina.”

Fez um eloqüente silêncio. Nublaram-se-lhe os olhos com lágrimas, e ele concluiu com a voz embargada.

- No dia em que eu colava grau, não pude fruir o júbilo de encontrá-la entre aqueles que ali estavam, no Salão nobre da Faculdade. Morrera uma semana antes... tuberculosa!

“Em sua homenagem dediquei-me, então, a estudar essa cruel destruidora de vidas e, ao lado de cada paciente, sinto-me como se estivesse a assistir a minha própria avó...”

Estoicismo da vida!

Grande é o homem que se faz pequeno ante a grandeza da vida e se eleva nas pequenas coisas que tornam nobre a vida.

Imita-os!

PALAVRAS E FIDELIDADE

- Estou empolgada com o Movimento Espírita – afirmava a dama, eufórica, à amiga reticente.

- Imagine – prosseguia – que a comunicação com os chamados mortos me fascina. É tão agradável ouvi-los, trocar opiniões... São sábios e meigos, os Benfeitores Espirituais. Aconselham com ternura e paciência, fazendo-nos antever o paraíso que nos aguarda. Confesso que estou mesmo empolgada. Você necessita tornar-se espírita.

- Todavia sou cristã, igualmente sincera – redargüia a amiga.

- Você será dos nossos – concluía com um sorriso jovial. – O Espiritismo arrebatava. Você o constatará!

Um ano depois as duas amigas se reencontram. A que estivera empolgada com a “revelação dos mortos” mostrava-se sucumbida, amargurada, reticente. A outra, porém, trazia os olhos cintilantes.

Foi esta quem inquiriu com gentileza:

- Que passa? Faz tanto tempo que não a vejo. Aceitei sua sugestão. Ingressei nas hostes espíritas, no entanto não a tenho encontrado na faina...

- Nem poderia – explodiu a antiga deslumbrada. – Estou esmagada por problemas, asfixiada pelos sofrimentos. Afinal, onde o auxílio dos Espíritos Superiores? Estou decepcionada.

- Sem razão, todavia, - elucidou a companheira -. Nos dias de júbilos, que armazenou para a quadra do testemunho e da amargura? Não basta crer, minha cara. É indispensável transformar-se, produzir, preparar-se para a Vida Eterna...

- Conversa! – Interrompeu a ex-entusiasta. Tudo são conversas. Para que desejo uma fé que me não resolve dificuldades? Para mim basta...

E se foi, desencantada e infeliz.

Muitas pessoas aderem à fé espírita sem permitir que a informação dos Espíritos as liberte das ambições e do comodismo.

Assim considerando, a quantidade dos adeptos não é relevante em causa alguma, principalmente na do Cristo, que sempre há sido das minorias, e nas quais somente os que perseveraram fiéis até o fim serão escolhidos para a ventura plena após as vitórias sobre as graves imperfeições, que afeiam o caráter, perturbam o coração e escravizam o espírito.

FRUTOS DA RESIGNAÇÃO

Esperara aquela oportunidade avidamente. Agora que o momento se fazia próprio, fora obrigado a perder o ensejo pelo impositivo do trabalho.

Espírita convicto, porém, resignara-se.

Condutor de automóvel, encontrava-se substituindo um colega da Empresa em que trabalhava, atendendo passageiros entre o Aeroporto e a Cidade.

Era domingo e o movimento reduzido.

Não obstante resignado, permanecia algo contrafeito, a imaginar a alegria que poderia estar fruindo com os amigos, ouvindo o médium orador que estava programado para o Núcleo que ele freqüentava.

Recebeu um passageiro.

- Favor levar-me com pressa ao hotel – declinou o nome – e com prudência. O mau tempo atrasou os vôos e estou com hora marcada, receoso de não alcançar. Hoje o dia está nublado, ameaçador...
 - Como e, que me encontro frustrado...
 - Que passou? – Inquiriu, interessado, o cliente, enquanto o automóvel de aluguel partia, célere.
 - Ora – respondeu, sucinto – eu esperava hoje apertar a mão de um autêntico trabalhador do Evangelho... Sou espírita atuante. Um colega de trabalho enfermou e fui convocado a substituí-lo. Uma pena!
 - E quem é esse “autêntico trabalhador do Evangelho?”
 - O Sr. Antônio Reis, excelente médium, cuja vida é um exemplo de dedicação ao Espiritismo e ao próximo.
 - Deus, todavia, sabe o que faz, não é mesmo? – Interrogou o estranho.
- Ao chegarem ao Hotel, o passageiro solicitou-lhe que o esperasse um pouco. Retornando, após corrigir a aparência cansada, na expectativa do Aeroporto, antes da viagem, solicitou-lhe que o levasse a determinada Avenida.
- É lá nossa Casa. – Elucidou o espíritista.
 - Mora lá?
 - Não, homem de Deus. Lá está situada a nossa Casa Espírita.
 - Por favor, pare aqui.
 - Mas... aqui... é

- Sim, Aqui mesmo. Eu sou Antônio Reis, seu irmão em Jesus.
Abraçaram-se, emocionados. O visitante dedicou-lhe um livro autografado e agradeceu-lhe o testemunho de resignação, de confiança em Deus.
Nem sempre o que supomos ser bom para nós,, é o melhor, o de que mais necessitamos.
Resigna-te ante as conjunturas aparentemente adversas.
Confia em Deus e faz da maneira mais edificante de sua parte. O Senhor completará o que não consigas realizar.

MEDIUNIDADE E PALPITE

- Veja este retrato. O jovem é meu filho. Dizem que ele tem “alguma coisa”. O que lhe parece?
- Interrogava, aflita, a senhora, ao expositor espírita, após a conferência.
- Seja o que for – respondeu, calmo, o discípulo do Evangelho -, oremos por ele.
- Sim, eu oro muito... Mas, o caso dele é material ou espiritual?
- Não poderei dizê-lo, assim, repentinamente, sem uma prévia consulta aos Instrutores Espirituais.
- O Senhor não é um médium?
- Sim.
- Então?!

O portador da mediunidade é um instrumento dos Espíritos, não um adivinho ou palpiteiro.

- Assim sendo, parece-me muito complicado e eu não tenho tempo a perder. Desejo uma confirmação. Consultarei outra pessoa.
- Muita gente prefere a mentira dourada, estimula a fantasia, cultiva a frivolidade.

Conforme lhes apraz, porém, assim encontram.

O médium espírita não deve compactuar com as informações falsas , a fim de fazer-se passar como um ser extraordinário.

Inútil agradar, mentindo, fazer cartas, iludindo.

Orientação é roteiro. Quem desejar êxito, siga o rumo certo.

Medite e trabalhe. O resultado é de Deus.

REDENÇÃO

- Desejava esta entrevista – elucidou a jovem com desenvoltura, - porque acredito que a minha história poderá ser útil a muitas pessoas.
- Será, então, um prazer ouvi-la e anotar suas informações. – Respondeu, serena, a venerada trabalhadora da mediunidade.

- Muito cedo – prosseguiu, estimulada pela aquiescência da interlocutora – experimentei o próbio decorrente da orfandade dos pais vivos. Sem saber quem era o meu genitor, vendeu-me minha mãe para os trabalhos humildes em uma casa de má reputação.

“Cuidada com o desprezo que se reservava aos animais pestosos, fui relegada a um cômodo ínfimo, no quintal da Casa de ilusões a qual fui arrojada”.

Silenciou por um pouco, ordenando as idéias e deu curso ao pensamento:

- Não sei quando ocorreu a minha sedução, ou melhor, não me dei conta da inditosa ocorrência, no infeliz local de trabalho... A verdade é que passei a objeto de loucura, transformando-me também, em serviçal de corrupção...

“Ao completar dezesseis anos, tive um estranho sonho com um jovem louco que me pedia para fugir dali.”

“É claro que não pude atendê-lo.”

“Um mês depois voltei a sonhar com a mesma personagem, que me falava com estranho, profundo carinho, concitando-me à fuga, à redenção.”

- Você não pertence a este lugar – falou-me com indescritível tristeza. Mesmo no sonho, chorei copiosamente. Eu também sabia que estava no lugar errado... Que fazer, porém?

“Ao acordar fui sacudida pela decepção da realidade...”

“Já estava a esquecer-me dos sonhos encantadores, quando se repetiu pela terceira vez. Certamente era mais do que um sonho, tal a nitidez do encontro, a lucidez dos diálogos.”

“A personagem, Walter, como me disse chamar-se, recomendou-me que me dirigisse a outra cidade, deu-me um endereço, aconselhando-me a narrar o fato à sua genitora, a quem eu deveria rogar acolhida. Era a minha última oportunidade.”

“No dia, seguinte, certifiquei-me da existência da cidade e resolvi-me por viajar.”

“Solicitei uma licença e dirigi-me ao lugar citado. Em lá chegando, não tive dificuldade em encontrar o endereço. Estimulada pelas coincidências, bati à porta da casa e roguei um emprego...”

“Admitida sem maior relutância, comecei por serviços modestos de limpeza, com um quarto arejado, alimentação e salário. digno.”

“Posteriormente vim a saber que o casal, dono da residência, padecia a angústia da perda do filho único, que fora vítima de lamentável desastre automobilístico, meses antes...”

A narradora fez uma pausa. Apresentava-se emocionada.

Recompondo-se, deu prosseguimento à narração.

- Descobri que ali havia o hábito salutar da prece em conjunto.

Convidada a participar aquiesci. Um mês após haver sido admitida no serviço da casa, chamei a senhora e minudencieei-lhe todos os acontecimentos. A ama

ficou estarrecida, surpresa... Convidou-me a examinar um álbum de família, no qual não tive problema em identificar o jovem louro dos meus sonhos...

“Informando o patrão, este procurou assegurar-se do meu passado e constatando o meu desejo de reabilitação, prontificou-se com a esposa a ajudar-me.”

“Fui convenientemente tratada com médico dedicado e encaminharam-me à escola noturna.”

“Com o tempo, a mediunidade desabrochou-me possibilidades, e Walter, por diversas vezes, manteve com os pais, jubilosos, abençoados intercâmbios.”

“Fui transferida para a intimidade da família e por fim adotada como filha...”

“Passaram-se oito anos... Concluí o ginásio e o colegial com esforço inaudito, utilizando-me dos artigos 99 e 101 da Lei do Ensino Médio. Hoje curso a Faculdade de Direito, nesta cidade onde fui desventurada e na qual me preparo para o ministério do bem futuro.”

“Claro que retornei ao recinto da desdita, a fim de libertar menores outras que ali estavam em regime de escravidão.”

“Walter prossegue ajudando-me.”

“Por meu intermédio declarou, que no passado ambos mantivemos uma Casa de ilusões e que a minha atual genitora fora-nos uma das maiores vítimas...”

“Agora a minha redenção deve ensejar a libertação de outras vítimas do anestésico mentiroso da corrupção e da perdição carnal.”

Enquanto falava, Walter, o amor renovado, assistia com esperança no futuro quando, juntos, após a separação inadiável, poderiam unir-se para verdadeira felicidade.

- Deus seja louvado minha filha! – Completou a ouvinte interessada, e sinceramente emocionada com a fascinante história.

A queda representa experiência para quem deseja prosseguir de pé.

Cair é lição; permanecer tombado significa acomodação.

O Senhor nunca indaga quem se é, mas o que cada um tem feito de si mesmo e da vida, em relação ao próximo e ao futuro.

Medita e faz a sua reparação hoje e agora, enquanto te inspiram os verdadeiros amores espirituais que te aguardam além do túmulo.

UMA PÁGINA EVANGÉLICA...

Seu matrimônio redundará em rude fracasso.

As cenas repetiam-se monótonas, diárias, desagradáveis.

O filinho, que esperava iria modificar a paisagem doméstica, tornando-se com o tempo, motivo de atritos mais lamentáveis.

Não agüentava mais.

Daquela vez o arrufo tornara-se grave agressão física.

Resolveu matar-se...

tomou o filinho pela mão, ameaçando, tresloucada, e saiu na direção da alta encosta à beira-mar, pensando arrojá-lo dos cumos.
Não sabia nadar.
Além da queda nas rochas pontiagudas o local era profundo.
Não havia como salvarem-se: ela e o filho.
Era uma fuga à dor e uma vingança contra o esposo grosseiro e temperamental.
Atravessaram a rua movimentada, receando serem atropelados.
A criança escapou-lhe da mão nervosa, abaixou-se, apanhou uma página que o vento conduzia a esmo, pela calçada...
reagiu contra o garoto, irritada.
Arrebentou-lhe a página disposta e destruiu-a.
Viu-a, porém, de relance.
O título chamou-lhe a atenção: Coragem.
Leu-a, enquanto prosseguia na direção do abismo.
A página falava-lhe da coragem ante a vida e da covardia quando se tentava fugir da vida.
Era uma mensagem evangélica, que informava sobre a sobrevivência, a comunicação espiritual, a justiça...
As lágrimas dominaram-na.
Começou a reflexionar.
Retornou ao lar.
Telefonou a um amigo que era espírita.
Marcaram um encontro com o médium, instrumento da página consoladora.
Procurou depois.
Superou as crises.
A Doutrina Espírita despertou-a para a vida, tornando-a feliz.
Ajudou o marido, orientou.
Uma página evangélica salvou o lar, três vidas...
Sempre que possível, divulga o Cristo.
Muitos ouviram falar dEle – raros O conhecem, todavia.
Escreve e consola.
Uma página evangélica, apenas poderá salvar a tua como as outras vidas.

A MISSÃO

- Sou um excelente médium. – Asseverava, sem-cerimoniosamente, o distinto cavalheiro -. Quando vim para cá, disseram-me, em meu país de origem, que realizaria nestas terras uma grande missão.
E entusiasmado pelo silêncio do outro, prosseguiu, com mais ênfase:
- Asseveraram-me, também, que eu fui um dos Apóstolos do Cristo. É claro que fiquei surpreso. Pode ter sido, porquanto, minhas faculdades paranormais

são incomuns. Aliás, já tive três visões ao lado de Jesus. Em sonho, naturalmente. Não me envaideço com isso, porém, alegro-me. Que lhe parece?

- Pergunto-lhe. Que tem feito dessa preciosa faculdade? Colabora em algum Núcleo, visita doentes, divulga mensagens do Cristo?

- Claro, que não. Aqui não possível. Essa gente é muito ignorante. Tenho feito algo, todavia, discretamente.

- E a missão, meu amigo?

- Estou aguardando-a há cerca de 25 anos.

- Por que não começa algo junto aos irmãos em agonia: esclarecimento, alfabetização, socorro mediante os passes?...

- Isso, não. Tal realização é coisa para qualquer um não para mim, um Apóstolo. Aguardo no posto pela minha grande missão. O respeitável candidato a missionário contava já 75 anos. Missionários, apóstolos, médiuns fabulosos a Humanidade sempre os teve e os terá.

O de que se precisa, no momento, como aliás, sempre ocorreu, são trabalhadores que estejam dispostos a servir e passar ignorados, sem títulos, nem honrarias.

SENTENÇA CORRETA

Na exuberância da juventude, para Marcelo começaram os prognósticos sombrios.

Aos dezesseis anos, tinham início as dores musculares nos membros inferiores, que, não obstante contínuo tratamento e crescentes cuidados, se converteram, paulatinamente, em paralisia tormentosa.

Ele, porém, não se conformava.

Atado à cadeira de rodas por vigorosas fibras, que lhe impediam a queda do corpo débil, estremunhado, rebelava-se, blasfemava em surdina.

Ante a resignação e o otimismo materno, como a instâncias desse coração santificado orou, um dia, suplicando a ajuda de Deus...

A prece leniu-o, emocionando-o, inspirando-o à confiança. Não se deu conta do tempo coloquial com o Senhor e adormeceu.

Sonhou que alguém lhe falava com infinita ternura:

- Sou o teu anjo guardião. Atendo à tua súplica em nome do Senhor da Vida.

“Vem comigo”.

Sem saber explicar-se como, sentiu-se deslizar no ar, livre dos impedimentos orgânicos, deslumbrando-se diante da paisagem em cor e beleza.

Subitamente passou a seguir um grupo de mercenários guerreiros, comandados por um jovem déspota que marchava à frente.

Não obstante, sentiu-se atraído magneticamente pelo chefe, acompanhou, estarecido, as atrocidades que praticava ao adentrar-se por aldeias indefesas, destruindo homens, mulheres, crianças e velhinhos alquebrados, com manifestas expressões de sadismo em que externava a ferocidade que o minava...

Sem poder fugir às horríveis desgraças, mudaram-se as cenas e seguiu o biltre a uma sala de torturas, onde manipulava ferretes em brasa, acionando a roda com que despedaçava membros vencidos, em fúria insana, a fim de arrancar arbitrárias e criminosas confissões...

Ato contínuo, viu a estranha personagem em calabouço infecto extorquindo informes de homens esqueléticos, famélicos para os quais a morte constituiria alívio abençoado...

Como se repetissem as ações criminosas e se sucedessem os cenários de horror, suplicou forças a fim de libertar-se do pesadelo.

Voltou a escutar a voz generosa:

- Se te fosse permitido arbitrar em nome dessas vítimas inermes, que padecem tais crueldades, que sentença decretarias para esse ser monstruoso e infeliz destruidor de vidas?

Sem titubeio, nauseado e dorido, com o espírito referto de piedade pelas vítimas, enunciou:

- Fá-lo-ia beber até a última gota a taça de sangue e fezes que impôs aos outros.

“Aplicar-lhe-ia a pena de ter as pernas ceifadas e as mãos amputadas, os olhos vazados e a garganta impossibilitada de murmurar, sequer por piedade...”

“Somente assim ele se recuperaria ante a consciência da Divina Justiça”.

- Dizes bem. – Redarguiu-lhe o Guia.

“A misericórdia de Deus, no entanto, é benigna e generosa. Esse homem inditoso e insaciável no mal foste tu.”

“Acabas de lavar a tua sentença, aquela mediante a qual expunges. Tem bom ânimo”.

Incontinente, despertou e suando em abundância, com a mente lúcida enriquecida pelas reminiscências do parcial desdobramento espiritual pelo sono.

Não mais se rebelou.

Esforçou-se. Voltou a estudar com esforços inauditos.

Concluiu advocacia, fez-se Magistrado e exara nos processos que hoje lhe chegam, na condição de Juiz, sentenças de sabedoria que são poemas de edificação e metodologia de retificação para os que se arrojam pelos despenhadeiros do crime.

Sabe que a enfermidade progressiva toma-lhe a vida orgânica entre acerbos dores e acúleos potentes, que logo mais culminará em desencarnação.

Não se abate, porém...

Utiliza o tempo a resgatar pela dor e a servir pela lei e pelo amor, consciente da justiça das Leis Soberanas.

- Sei que retornarei – assevera; o rosto se ilumina num sorriso em que a tristeza por momento tísia a alegria – e acalento ganhar de volta os movimentos, a fim de poder correr na direção do bem...

Por mais árduas te pareçam as dores não te suponhas em desvalimento.

Estás em regime carcerário benigno, de recuperação, graças à sentença correta que te impuseste.

PERIGO DESNECESSÁRIO

A senhora vivia num bairro elegante, no último andar do edifício que mandara construir.

Rica, em plena maturidade orgânica, fluía a felicidade transitória que os bens materiais podem proporcionar.

Cercada por amigos, que também eram seus inquilinos, gozava o prazer, descansava, vivia regaladamente sem preocupações.

O esposo, que era médico em outra cidade, voltava ao lar somente nos fins-de-semana. O filho, já adulto e casado, visitava-a com frequência. Possuidor de caráter violento, instava com a genitora para que ficasse com um revólver, a fim de defender-se de algum delinquente. Esclarecia que ela vivia praticamente a sós, num apartamento com peças e jóias de alto preço, e o revólver podia tornar-se um providencial amigo, num momento em que fosse surpreendida por algum bandido.

A senhora se escusava aceitar a oferta enquanto o filho insistia.

Por fim aquiesceu.

Guardou a arma carregada com o firme propósito de não a utilizar nunca.

No mesmo bairro havia uma favela.

Quando algumas crianças do atormentado núcleo humano descobriram a piscina elegante do luxuoso edifício passaram a fazer sortidas ocultas a princípio, depois menos formalmente quando lhes aprazia.

Os inquilinos protestaram, a polícia foi notificada, no entanto, a criançada maltrapilha insistia, burlava a vigilância, perturbava...

Informada pelas constantes reclamações, a senhora desculpava os menores, sorria, prometia tomar novas providências.

Como as queixas prosseguiram, saturou-os, entrando em estado de irritação.

Certa manhã em que as pessoas saíram para as suas tarefas externas, a senhora se deu conta da burla infantil, da algazarra, no térreo, veio à varanda, e, ao contemplar a alacridade e tumulto dos pequenos, desequilibrou-se.

Gritou, xingou, ameaçou... Nada conseguiu.

A meninada redobrou doestos e mergulhos nas águas tratadas.

Recordou-se do revólver. Foi buscá-lo com o fim de os assustar.

Mostrou-lhes, do alto, a arma, e voltou a ameaçá-los.
Ante o objeto perigoso as crianças debandaram, amedrontadas.
A dama sorriu, compreendeu a validade da arma e pôs-se a correr pelas varandas externas que circundavam o apartamento.
Descobrira uma forma exitosa para afugentar o aborrecimento.
Nesse ínterim, tropeçou e caiu.
A arma disparou.
A bala ricocheteou na borda da piscina e alcançou um pequeno de oito anos que teve morte instantânea.
Desespero, angústia, presença policial.
Foi indiciada, julgada e condenada.
Os jornais fizeram estardalhaço.
A defesa não conseguiu provar o acidente.
A dama foi encarcerada por largos anos e uma criança teve a vida ceifada, graças à desnecessária presença da arma perigosa.
Não te armes com os instrumentos que geram o crime e a desgraça.
Unge-te de fé e defender-te-ás.
Quem crê em Cristo já passou da morte para a vida.
O mal nunca faz bem.
Não guardes contigo perigos desnecessários.

PELO ELEVADOR DE SERVIÇO...

A voz agitada ao telefone pedia, súplice:

- Soube que o senhor pode ajudar meu esposo. Ele sofreu um enfarte e alguém recomendou-me seu nome. Peço-lhe a caridade de vir aplicar-lhe uns passes, confortando-nos...
- Infelizmente hoje não posso. Estou aqui em trânsito e as horas estão tomadas.
- Pela madrugada...
- ...
- Quero dizer: A qualquer hora, como é quando o senhor pode. Por caridade!
- Então, às 23:00 horas aí estarei.
- Venha esperaremos ansiosamente. Peço-lhe, porém, que venha pelo elevador de serviço. Não esqueça: pelo elevador de serviço. Aquele cuidado de solicitar que o médium se dirigisse ao elevador de serviço fê-lo estranhar. Certamente, pensou, a dama não desejava que o vissem entrando no edifício elegante, em bairro distinto da cidade do Rio de Janeiro, onde residia. Devia sentir constrangimento, fruto do preconceito. Ele desejou dissipar as impressões negativas, mas a lembrança voltava-lhe desagradável. Com o acúmulo de tarefas não pôde, porém, desincumbir-se do compromisso.

Retornou ao lar depois de uma hora da madrugada. No dia imediato o telefone voltou a soar e a dama insistiu, chorando:

- Venha por Deus! Necessitamos tanto!
- Não pude ontem e peço perdão. Irei agora.
- Por favor! Entre, porém, pelo elevador de serviço. O médium seguiu em prece e foi carinhosamente recebido. Leu “O Evangelho Segundo o Espiritismo”, elucidou problemas da fé, magnetizou a água, aplicou passes. Os bons resultados surgiram, incontinente. À saída, emocionada, a senhora elucidou:

- Tinha tanto receio que o senhor não viesse! Deus o recompense! Temia que o senhor em chegando ao elevador social que está com defeito, desistisse. Daí a minha insistência para que o senhor viesse pelo “de serviço”. Desculpe-me.

Precipitação no julgamento.

Suscetibilidade vaidosa.

Melindre pernicioso.

Quantos inimigos sutis e poderosos! Aliás, todo serviço que se preza está sempre utilizando o “elevador de serviço”. Medita!

ESTRATAGEM TENEBROSO

Jovem e espírita. Médium e pregador. Integrara-se na Causa Espírita com acendrado, inusitado amor.

Servidor público, conseguia o pão diário honestamente.

Certo dia, no ministério habitual, percebeu ruidosa alteração fora do balcão da sala de trabalho, em que uma senhora, visivelmente descontrolada, explodia em expressões vulgares.

Responsável pela administração do setor, acercou-se para interferir gentilmente.

A dama, todavia, antes de qualquer consideração, investiu violentamente, puxou pela gravata e aplicou-lhe rude golpe na face.

O sangue jorrou...

O moço, colhido de surpresa, ia-se irritando, quando, prestes a reagir, escutou alguém dizer:

- Que é isto? Essa mulher é uma fera! Fazer isto com o Senhor Bernardo!?

Ele, então, naquele átimo de minuto refletiu: “Alguém, aqui, me conhece e certamente, na condição de espírita”.

Controlou-se, afastou-se do local da cena, recobrou a calma e o incidente morreu, não sem antes sofrer a risota zombeteira de colegas e amigos.

- Venho rogar-lhe desculpas.
- Não vejo porque.

- Eu sou a senhora - fez-se lúcida – que há um mês atrás o agrediu, ali no balcão.
 - Esqueça, então, pois não lhe guardara a fisionomia.
 - Devo, porém, justificar-me. Soube que o senhor é espírita... Imagine que eu sou portadora de um carcinoma e venho tomando aplicações de cobalto! Tenho sofrido tanto. Naquele dia estava disposta a tudo... Queria morrer. Sem dinheiro, vivendo da misérrima pensão que aqui recebo, desesperada e só, a morte era para mim a solução. Quando me encontrava esperando o documento para assinar, acudiu-me uma alucinação e veio-me à idéia: “Agrida alguém. A pessoa revidará e tudo estará liquidado. Você não suportará o tombo.” Quando o senhor se acercou eu ouvi: “Ataque-o! Bata-lhe na face!” Perdoa-me! Não tive mais paz...
 - Tranqüilize-se, minha irmã. Já passou. Por que a senhora não procura receber passes? Vou indicar-lhe excelente médium, e creio que tudo sairá bem. Deus a acompanhe!
- A senhora retirou-se sorrindo e agradecida.
 E ele reflexionou: “Se eu reagira!... Ela deve ter sido instrumento de Espíritos infelizes para promover o escândalo. Basta-me empurrá-la, em defesa. Ela cairia, teria violenta crises de nervos, caso não fosse pior. No entanto, a notícia seria narrada ou estampada em jornais sensacionalistas, diversamente. Dir-se-ia: “funcionário tarado atacou indefesa velhinha. Só cadeia!”
 Orou, Então, e agradeceu a Deus a sua resistência pacífica.
 Posteriormente a senhora retornou.
 Ficaram amigos.
 Curou-se.
 Hoje o ajuda ao lado de outros sofredores aos quais socorrem.
 A maior resistência é a do bem.
 Resguarda-te na vigilância e na paciência.
 Cuidado! Há ciladas, estratégias tenebrosos, aguardando invigilantes.

CONHECER-SE

Fácil combater, simples vencer, quando se utilizam as armas da astúcia, da cobardia moral.
 Suplantar os outros, triunfar sobre os outros, vencer os outros são cometimentos acessíveis.
 O invisível punhal da calúnia como o poderoso tiro do ódio, o ácido transparente da intriga e o veneno da infância conseguem oferecer vitórias a quantos lhe fazem o culto de submissão. Entretanto, logram aniquilar, logo depois os que se vitalizam, empunham e espalham, por tornarem à fonte donde procedem.

Há, também, outros poderosos instrumentos de fácil manuseio: A inveja insidiosa, a malquerença sistemática, a cobiça exagerada conspirando, e por fim arruinando os que lhe dão guarida.
Não te permitas lutas que tais.
Sê diferente.
Sai a campo aberto.
Saúda a vida e vive-a.
Sede o que almejas, entesourando luz.
Guerreia o bom combate, submetendo as paixões e inferioridades.
Desculpa, ajuda, confia e passa, de mãos limpas e olhos transparentes sem cargas, sem sombras, sem saudades, sem prisões...
Luta contra ti mesmo – batalha difícil.
Vence tuas tendências malévolas – vitória legítima.
E mergulhando nos recessos do espírito, arranca dos abismos íntimos a pérola da paz, conhecendo-te a ti mesmo, antes que pretender aos outros conhecer e pensar vencê-los.

INUSITADA ORAÇÃO

Ali se reuniam sadios e doentes no acanhado Centro Espírita, onde resplandiam as luzes do Consolador, em plena Colônia de Hansenianos. Terminara o estudo evangélico apresentado por itinerante servidor da Causa. O dirigente se ergueu em visível dificuldade.
Mutilado e quase sem forças, após vinte anos de hanseníase, começou a orar em agradecimento a Deus. Inspirado, subitamente nimblou-se de safirina claridade.
A débil voz, de pronto revitalizada, exorou com emoção a impregnar todos os corações presentes:
“Divino Médico das Almas:
Ei-nos a agradecer-Te a lepra com que nos honras atual reencarnação, com que nos dispomos ao imperioso resgate do passado culposos.
Não Te suplicamos por nós, que ora nos redimimos, mas por eles, os irmãos sadios, lá fora jornadaia anestesiados pelo tóxico da ilusão.
Por aqueles que, distraídos no corpo juvenil, malbaratam a sublime concessão da mocidade.
Pelos que, amparados pelo vigor da saúde, se comprometem, lamentavelmente, no ultraje ao patrimônio somático, adquirindo pesados ônus para pagar mais tarde.
Por quantos se encontram aquinhoados pelos valores amoedados e se envenenam nos banquetes da luxúria e do desperdício, diante de tantos necessitados.

Por aqueles que envelhecem revoltados ante o desgaste físico, sem, no entanto, haverem conhecido a enfermidade de longo curso, a paralisia demorada e afligente, as dores angustiantes dos diagnósticos difíceis de serem elucidados.

Pelos distraídos das coisas espirituais.

Por aqueles que fingem ignorar-Te, transitando da facecia brejeira ao sombrio cárcere da loucura...

Nós, os que estamos aquinhoados pelas rosas da putrefação carnal, sem outra rota, já nos identificamos com a do Evangelho e Te conhecemos!

Iluminados pela fé lenificadora da Imortalidade, choramos e sorrimos confiantes no amanhã. Embora a noite em que padecemos, descobrimos a estrela da esperança fulgurando na direção da perene madrugada que nos espera.

Eles, porém, não sabem, e, talvez, quando a hanseníase moral, que vitalizam por negligência o desrespeito à Vida, exteriorizam-se em evidentes expressões de lama no corpo que amam e de que se orgulham, talvez não tenham forças para resistir nem coragem para prosseguir...

Apiada-Te deles como tens piedade de todos nós!

Louvado sejas, Senhor!"

Ao silenciar, dólido pranto visitava a assembleia comovida.

Não se disse mais nada. Nem se fazia necessário.

FIM.